00031352

Digitized with financial assistance from
Rotary Club
on 06 November, 2019

ASIATIC SOCIETY MUMBAI

THIS BOOK HAS BEEN ADOPTED
FOR CONSERVATION & DIGITIZATION BY

TAERRA BANAJI

ROTARY CLUB OF BOMBAY

DATE : FEBRUARY 2017

Processed at
The Preservation & conservation
Laboratory of
The Asiatic Society of Bombay

Date.....

JOSÉ JOAQUIM FRAGOSO

SIVAJI MAHARAJA

VENCEDOR DE ABDUL KHAN

Tradução do poemeto em maratha premeada em 1895 pela Academia Mont Real de Toulouse com «diplome de honeur avec palme de vermeil et eloge»

TRAÇOS GENEOLÓGICOS DO MAHARAJA

TT-g-45 31352

TIP.—BRAGANÇA & C.ª

Nova Goa

1921

Do autor

Bicho de Ormuz, *monographia sobre a filaria de Medina com um processo do autor para extracção rapida do verme e com descripção de uma das phases do estado rudimentar do mesmo verme.*

Sodium Chloride Against Bubonic Plague, *memoria sobre tratamento pelo sal marino, inscrita, sob o n.º 11 Sec. XVII. Congresso Inter. de Medicina XV. 1906.*

Tratamento da Cholera pelo sal marino (*inaugurado, 1896, em Diu*).

Chloreto de Sodio (*Sal marino*) contra a Grippe.

Lausonia Alba e Grevia Microcus *contra a febre biliosa e hematurica etc etc.*

Téchnica da lavra de sura de coqueiro, *e outras industrias dependentes.*

Pro Justitia. (*versos politicos*).

De Diu a Goa.

Rio de Chaporá e canal de Tivim, (*fonte de riqueza pública e civilisação das povoações internas e montanhezas*).

Nodoa de sangue, *poemeto* (assassinio de El Rei D. Carlos e do principe herdeiro).

A ENTRAR NO PRELO

Tuba de Josaphat, (*poemeto scientifico*).

Goa de Albuquerque (*historia em 3 volumes*).

Presagio fatal e 26 anos depois, (*versos*).

De 1869 a 1921, (*versos dispersos*).

To the Society of Sciences and Art.
of Bombay
1922 -

off.
The Author.

SIVAJI MAHARAJA

VENCEDOR

DE

ABDUL KHAN

God
Poo 923.154
Shi/Fra/Siv
1 [illegible]

00031352

Á MEMÓRIA

de meus Pais:

D. Maria Angélica de Noronha e Christóvam Joaquim Fragoso, Cadete 18-1-1828, Alferes -12-331, Tenente 4-4-837, Capitão 4-4-850, ambos de Goa,

de meus Avós:

D. Genoveva Rosa de Figueiredo, de Goa e José Joaquim Fragoso, da cidade de Lagos (Portugal), Cadete 19-9-1789, Alferes 18-1-797, Capitão até 1822, Major,

de meus Bisavós:

D. Angélica Rosa Mascarenhas e Tenente-Coronel Joaquim José Fragoso, ambos da cidade de Lagos,

consagro reverente estas páginas

Oxel-1921.

PROLOGO

A balada maratha, de que damos a tradução em alexandrinos, é uma das muitas, que cantadas por Gondhalis de várias castas, como as de brahmanes, de renukai, kuddumrai etc. (1, pg. XXXVI), se transmitiram, de geração em geração, conservadas apenas de memória, como o foram, por longos séculos, á falta de carácteres gráficos da lingua, os hinos sagrados dos aryanos, a shastra (código religioso), a grande epopeia Ramaiana etc. etc. É, nestas condições, que os trabalhos dos grandes pensadores e eminentes poetas da altura de Viassa, de Valmiky, no volver das idades, ou cairam no oblivio ou foram de adrede adulterados ou finalmente se modificaram pelo desgaste dos tempos, do mesmo modo como a shastra, do monotheismo dos primitivos aryas, se transformou em shastra de 333 milhões de deuses do actual polítheismo brahminico.

Se não fôsse o assiduo labor de Mr. H. A. Acworth e Shancar Tucaram Shaligram, de procurar e de colegir as baladas em volume intitulado **Pôvadê**

पोवाडे (2) *que hoje enriquece a literatura maratha, é certo que a balada, de que se trata, teria desaparecido de vez sob a pezada mó de 2 ½ séculos, sendo, como é, contemporânea do inclito Sivaji Maharaja. Vê-se contudo, dos livros citados, que os benemèritos publicistas se mostram embaraçados na percepção ou significação de algumas palavras tanto daquela balada como das outras, o que nos leva a suspeitar, que ao escrevê-las de autiva, não lhes terão deixado de escapar lapsos, e, de tudo isso, provem que várias palavras não se encontram em dicionários.*

Mr. Acworth diz em nota da pág. XXXVII (1) que êle dá a tradução em inglês não da balada, que ora traduzimos em português e se acha publicada no livro **Pôvadê**, *mas a de uma outra. Ora esta outra é pena que não tivesse sido publicada igualmente em maratha, para o fim de serem ambas, no mesmo idioma, confrontadas estrofe por estrofe. Confrontando, porêm, com a tradução inglêsa, se vê que é do mesmo autor Adniandás, que contem quási as mesmas idéas e factos, mas que está profundamente modificada e eivada de incorrecções, como a de dizer que o nome do autor é Agrindás, que Kauji é filho de Sivagi etc. etc. E' isto, certamente o que levou o ilustre publicista inglês a supôr, que o original, de que fez a tradução, era uma obra diversa e de diverso autor, quando não o é, e êle próprio o reconhece, mais tarde, em nota n.º 15 de seu livro (1).*

O original da nossa tradução teve, pois, melhor conservação no volver dos séculos.

O prototipo do poemeto traduzido é o bem conhecido Sivaji Maharaja, reconquistador do domínio maratha do Industão. E Abdul Khan era um moiro nobre de Bijapur, um dia subedar *de Vaim, a quem fôra confiado o comando em chefe da grande fôrça organisada pela monarquia de Bijapur para subjugar o grande Sivaji, que a assustava com o seu extraordinário empreendimento da reconquista e restabelecimento do antigo Maharastra (Grande nação) domínio dos marathas.*

Explica o poemeto como Abdul Khan pretende atraiçoar Sivaji, mas que atraído por êste com promessa de submissão á monarquia moira, que aquele lhe havia proposto, é induzido a mover grande parte da sua fôrça até aos desfiladeiros de Zauli e a arriscar-se, aqui, á uma entrevista particular com o mais terrivel dos inimigos dos maometanos, o grande Sivaji, a cujas mãos em fim vai cair morto, apoz um duelo cruento de corpo a corpo, sendo-lhe em seguida desbaratada a fôrça do comando que em debandada se perde no labirinto dos montes e florestas de Zauli. Isto em 1659.

J. J. Fragoso

Sivaji Maharaja vencedor de Abdul Khan

Preito a Ganez primeiro!—ouvi-me, ouvi atentos—
e á suprema Sarzá, radiosa de ornamentos!...
A venia de Adniandás sempre a Narain será,
que graças ao bom mestre as bençãos tem de Ambá.
Bounsuló é leão e crava a garra adulta
nas tropas do vizir, Kandêchoari exulta
e, para se ouvir longe e em cidades de Europa,
aqui diz Adniandás: os feitos dêste Rei,
que domina o Koncão, bem alto contarei.

Seus fortes contarei: Khoaj, Mauli, Marjane!...
Pargadd e Karnalá!... rijo Prabal, Buxane!...
Tolá bravo e Goss'lá (*a*)!... Raêri, Ansvadi: dois!...
e dois se vêem do mar...Korlá, Kossá (*b*)... depois
Mandane, Sur, Auchit!... Birvadi, fortaleza
de cinco bastiões!!... de Kurdú a beleza!...
Dhoddop, B'ricá (*c*) Kubal!... todos pelo Koncão
guardando a parte baixa. E outros p'los Gates são.

(*a*) Gossalá (*b*) Kossagodd (*c*) Biricá

Pelos Gates: Rohidá, Zauli, Pratap, Mandane! ...
Macarand, Vansôtá, Siungâddo, Vrundavane!...
invio monte o Gâgan!... formoso o Purandor!...
Sôniachi-Suêlá!... Rajgadd: todo o vigor!...
De Kondaniá á Tórna é do Gates a crista:
Tung, Ticoná, Viss'pur (*a*) Loha ondulam á vista!...
Aureos degraus do throno assemelha Raheri!...
Do outro Pratap direis: ninguêm passa d'aí!...

Cantarei os bastiões que guardam as muralhas
e as terras que conquista em renhidas batalhas!...
Toma em Púna a *dargá (b)* do grão Xec Allá Pir!...(*c*)
E desde Indapúr vão-aos seus golpes c ir
Xirval, Supem!... d'aí, desde Gorêgão, Mahade
e Singarpur-Patan. Assim, á saciedade
da Tulazá, Koncão tem quatorze regiões
com doze portos seus abertos ás nações!...

Um mundo ás mãos lhe cai de façanha em façanha!
Subjuga Chêtpauli e as doze Maulens ganha!..
Conquista a Chandrarau c'o forte de Zauli
o vasto reino seu de Zauli e Mauli!...
Livra Tolakoncan, toma Biundi, Kalian!...
Tanadarias monta e em Chaul séde assenta...
Casa alguma feudal lhe resiste á tormenta!...

(*a*) Vissapur. (*b*) Dargá, edificio mourisco (tùmulo ?) para adoração de santo (*c*) O santo se chama Xec Allá Pir Patan.

E, mal Mulam Hamad o refere ao Pachá,
aceso em raiva ordena a prisão do Rajá.
E a ordem foi assim: chamai dos seus solares,

chamai logo, a congresso, os vizires e sardares:
a Abdul, Rastum Jumá, a Baji Ghorpandêiá,
Sidi Hilal, Muchê, a Zunzarau Gatgueiá
a Cobaji Khariá, Naicji a Capello (*a*)
todos, todos chamai, ninguèm falte ao apêlo...
Jivaji Deucantê, Mombaji Bounsuló.
Ao todo vinte e dois são dos sardares só !...

Ante o magno congresso um *viddó* (*b*) em bandeja
é destinado a quem mais resoluto seja
a expor-se á árdua missão. ¿ «Quem prenderá o Rei?»
—interroga o Pachá — « Eu !... Vivo o prenderei. »
—responde Abdul—e tira o *viddó* com ar altivo !...
Pachá louva e lhe dá, como régio incentivo,
uma espada, um cavalo, um penacho a brilhar
de pérolas !... e, de oiro, um soberbo colar !...
Três anos de excursão Abdul Khan lhe impetrava
E fora da cidade acampa a fôrça brava...
Agoiro fatal ! .. morre o elefante Fatiá !... (*c*)
e dar-lhe o de vanguarda ordens são do Pachá.

(*a*) Alcunha de cobra capelo. (*b*) Viddó, confeito masticatorio feito de folhas de betle contendo fragmentos finos de areca, kate, nóz vomica, cal, cardamomo e outras especies carminativas. (*c*) Mesmo que tenha sido um facto a morte do elefante, comtudo parece piada, porque o nome Fatiá é vocabulo arabe, que designa a 1.ª parte do 1.º capitulo do Korão.

Estão lá doze mil dos melhores cavalos.
Zorras árabes dão-se á faina de trená-los.
Os aprestos de guerra ao dorso de elefantes
que mansos vão a par de bravios gigantes.
Só com os dardos são setecentos camelos
e um pardo que é do Khan. De armas e arnezes belos
sardares a marchar com doze mil montadas
sob as ordens de Abdul em linhas bem cerradas.

Abdul comanda a fôrça e a marcha precipita.
Chegado a Tulzapur transforma em mesquita
o dêul (*a*), onde quebra a imagem de Tulzá.
«Agora quero vêr milagres que fará!... »
—blasfema -e logo aí abateu uma vaca!...
Bhadrakali se irou e ao Khan, que assim a ataca,
jura perder e vai, em sonho, ao Rei falar:
« Bode de trinta e dois dentes me has de imolar »

D'aí levanta o campo e Abdul marcha incessante
e, marcha sôbre marcha, Abdul cai fulminante
sôbre Manquêchoar com mesmas violações!...
D'aí levanta o campo e arrasta os batalhões,
e, marcha sôbre marcha, Abdul ovante chega
e Caracmabhoxá se lhe rende á refrega!...
D'aí a Pandharpur e quebra o Vitobá!...
e ás águas arrojou o deus Pundolicá!...

(*a*) Templo indù.

Levanta o campo Abdul, lá vai como a tormenta,
e, marcha sôbre marcha, o arraial assenta
em frente de Mahadeu. Então seu odio crú
condena a profanar a imagem de Ximbú;
e aos deuses dos indús não cessa a atroz ameaça.
D'aí levanta o campo e é vendável que passa
e, marcha sôbre marcha, Abdul vai sem parar
e leva o Raimatpur o seu rancôr sem par!...

Propalam-lhe a chegada e as crueis asperezas!
E tremem de terror fortins e fortalezas!...
« Afoguemos o Rei emquanto resistir!...»
—grita cada sardar, grita cada vizir—
« Quanto val Abdulá com essa tropa ingente
« com os seus doze mil, seus sardares e mais gente,
« sabe-o bem Sivaji!... Combate não lhe val,
« que faz pouca farinha e gasta pouco sal!... »

Levanta a fôrça e foi a Vaim recompô-la
e, por ser terra sua, êle aí se engaiola
no forte que erigiu. De lá manda ao Rajá
carta tão fraternal que outra melhor não há.
Mas em Puná o heroi, que traz o reino ás costas
as fortalezas deixa e passa ás tendas postas,
campo aberto, em Zauli. E lá é que lhe traz
a carta do vizir o emissário da paz

e ao Rei diz: « Hoje o khan é bondade perfeita,
« se lhe chegais á fala, está tão logo feita
« a paz com o Pachá. » Responde o Rei assim :
« Mas para que d'aqui chamar-me até Vaim,
« se estas praças, paioes, riquezas, tudo, tudo
« é dêle ainda o Zauli ! ?... Vê-lo há no conteudo
« desta carta e dirás: cá fico a seu dispor. »
E co'ofertas do estilo aviou o embaixador! ..

Com a nova Abdulá se fez grande serpente
e êste *roti-pir* (*a*) manda em gesto de inocente :
« Não ha recear: sendo amigo, irmão Siubá,
« teus fortes, quanto é teu e ainda mais teu será ;
« p'ra mim só basta a jura em Shahaji e mais nada. »
Mas por arauto armado a carta é enviada
de elefante a ostentar os *tôrôds* (*b*) e bandeiras
e co'ordem de pedir párias logo ás primeiras.

Responde Sivaji : « P'ra que mais o tributo,
« se tudo é seu, até o mìnimo reducto
« e são mais de quarenta as praças que lhe dei ?!...
« P'ra mim basta a clemência ; e em Zauli ornarei
« as salas aguardando-o co'as honras devidas. »
Contenta-se Abdulá co'as novas recebidas,
mas tanta praça em vista obceca-o de ambição
e adiou para mais tarde a morte do leão.

(*a*) A carta de Abdul diz ser, na lingoa moira, *roti pir* bolo santo
(*b*) Manilhas.

Ordena inteira paz e sai com pompa e incauto,
quatro mil a cavalo, o principal arauto,
elefantes levando os *torods* a brilhar
e em cima de *ambaris* galhardetes ao ar.
E o exército marcha em linha atraz da linha,
mal desce o Rodtondi todo se descaminha :
o que sucede atraz ignoram os de diante,
nem sabe já voltar o pelotão errante!...
Do sitio um montanhez noticia ao Rei envia.
E a própria tropa Abdul não vê errar, sem guia,
os vales-labirintho e as matas de Zauli,
como êle a divagar perdido por aí!!..

Entretanto o Rajá co'os seus ricos espólios
lhe prepara os salões : põe sólios e subsólios ;
almofadas, tapete, e vasos pelo chão ;
per'las em alcachofra ornam em profusão
os pilares de côr dos angulos da sala ;
jarros finos de China exparzem luz de opala
dos engastes subtis d'aljofares sem fim
entre o brilho vivaz do sanguineo rubim.

A segunda sala é, pelo seu ornamento,
o explendor do luar no azul do firmamento!...
Nas paredes rubins, azulejos no chão.
Camfora e almiscar são em perene efusão
manando, sem cessar, seu perfume esquesito!...
E, á mão, d'agoa lustral o recurso bemdito!...

No terceiro salão diamantes sem conto,
no centro o régio leito ornamentado e pronto:
chita de Baran'pur em belo cortinado,
valioso sobreceu do mais rico brocado
tendo em volta a fulgir perla em cachos pendentes
e em cima capiteis com todo o esmero assentes.
Repuxo a esguichar sôbre antepar de *kaskis (a)*
desenvolve o frescor e um perfumado gaz.
Aos cantos candalabro em mais finos lavores.
Nas paredes, no tecto, as gemas em fulgores!...

Arma os salões e o Rei, logo, Môrô envia
como emissário ao Khan. « Porque em companhia
« trazeis—lhe diz Môrô—a hoste de quatro mil?! »
« Irei com cinco ou dez »—torna o Khan senhoril—
« Mas porque cinco ou dez, se a entrevista é privada?»
E Abdul resolve ir só té a regia morada.
Presentea Môrô, louva Xamraja e em fim
lá vai, a pé, deixando ainda o palanquim.

Sivá está por quem Tulazá se desvela;
Abdul chega a Zauli e cai a sua estrela!...
Sem tropas, indefeso, eis nos paços reais!...
Vê a primeira sala e diz: « Não tem iguais
« o nosso Ali Idalcha! » e passa á outra e admira
e admira inda a terceira e diz que nunca vira,
que iguais salas nem tem Aurangzeb Pachá!...
E ordena: « Vão chamar o grande Siurajá, »

(*a*) Raiz fragrante da palha Andropogon Muricata.

Estava o Rei então na sala do conselho.
Querendo sempre ouvir o moço como o velho
mandara convidar Xam e também Môrô,
Rogunata Pexuê como Xencôr Nôrô,
chama cada sardar e as ordens não são poucas,
Carnacriá Subanji, Mancoji o Dez-Bocas,
Deucantiá Givaji, que igualmente se emprasa,
Sar Subaji convida e Subanji o Braza,
ainda a ordem fora a Pilaji Baldar,
fora chamar também Nêtoji Palicar
como aquele sardar Bairji o Barulhento.
E todos prestes são ao régio emprazamento.

E lhes pergunta o Rei : ¿ « Como irei encontrá lo ? ».
Bacacar Crusnaji: « Arnez deveis usá-lo,
« pois diz—vitória—o arnez do Bagvanta divino »
Por cima do arnez usa o Rei chogó bem fino,
e usa calças de sêda. E, do escrup'lo as amarras
desprendendo, punhal ajusta e leva as garras *(a)*
Entrega a Givaji Maldar o seu *patá*
e a partir se dispõe o temivel Rajá.

« Adeus, meus irmãos ! — » diz sentido aos comandantes
de seus fortes— « Prestai cuidados incessantes

(a) Garras de ferro chamadas *vag nac*, garras de tigre, arma favorita de Sivaji, que com a sua espada denominada Firangui, Portuguesa, está hoje em poder da casa do Sardar Rajarama Bonsuló, de Satará.

« ao nosso Sambaji Rája *(a)* que deixo aí.
« Tu terás teu domínio oh hábil Umaji.
« Por ora aos fortes fique o actual comando,
« e deixo Nêtôji o reino governando.
« Tomai a peito, irmãos, êstes pedidos meus,
« E a Shahaji Maharáje é o meu último adeus !... »

Mas logo em palanquim vem Jizaú aflicta
e anciosa de vêr se ao filho o lance evita
« Mãe—lhe objectou o Rei— um momento escutai :
« implacável pendor á entrevista me atrai !...
—« Não, não irás, Siubá, que é infiel o moiro
« e não te há de poupar, meu filho, meu tesouro ! — »
« Mas nunca—diz o Rei—nunca faltei a alguêm
« e deixai-me também que hoje não falte oh mãe :
« é tal o caso !... Irei... Abdul me espera aí !...
« e, mãi, é êste o khan que os deuses vitupera ! »
Diz-lhe então Jizaú : « Cautela, pois, co'a fera,
« cautela, meu Siubá, e vinga Sambaji. » (*b*)

E logo acrescentou com socumbido aspecto :
« Sejas sempre feliz, sempre, Siubá dilecto,
« e toma êste *viddó* de victória gloriosa.
« Tem presente Mahadeu ... » E abraça-o lacrimosa !...

(*a*) Filho de Sivaji. (*b*) Filho primogénito de Jizaú, morto pelos moiros na idade proximamente de 25 anos no ataque que dera ao forte de Kanaguiri, na região Tangabadra do Myssor septentrional contra um dos chefes do *jaguir* de seu pai, rebelados na ocasião da prisão dêste entre 1648 a 49 (4, pag. 48 a 49).

E êle se curva humilde ante os maternos pés!
e vai d'aí ao kh n com toda a intrepidez.

« A Bhavani-Xéncor (*a*) o meu salam (*b*) primeiro,
« o segundo a Shahaji Maharája e o terceiro
« é ao nosso Abdul Khan. » Este salam real
despertou no vizir todo o instincto do mal
e ao colo achega um pano... ouvidos tapa e « És filho
« pois,—diz—dêsse cunbi (*c*), armador maltrapilho
« das salas do Pachá?!» Mal se sentiu ferir,
com insulto o Rei troca o insulto do vizir:

« Oh Khan, a cada qual seu mister não desdoira
« sem temor de Rog'nat (*d*)!... Mas tu, indole moira,
« de que casta provens, conhecemo-lo bem:
« filho de pousadeira e não passas d'além... »
« Irás a Bijapur » - o Khan então modera—
« Levar té lá o Rei? !—torna com voz severa —
« muitos dias, oh Khan, bem muitos gastarás,
« pois te meço o valor sentado como inda estás,

« pousadeiro de casta és próprio para a tasca! »
Nisto se ergueu Abdul co'a furia da borrasca
e, empunhando o *caddiar* (*e*), abraçou o Sarjá;
mas resvalam no arnez os golpes que lhe dá.

(*a*) Uma das divindades indús constituida de Xencor e sua mulher Bavani. (*b*) Cumprimento ou saudação em lingoa moira. (*c*) Uma das infimas castas indianas. (*d*) Um deus indú. (*e*) Uma espécie de punhal.

Também Sarjá o aperta em luta braço a braço
e, vibra o seu punhal e crava as garras de aço.
Abdul deitado ao chão, desfigurado exangue,
de um pulo se alevanta a escorrer em sangue

e, « Alfange, alfange ! » — grita em feroz alarido —
e sem perda de tempo o alfange lhe é trazido.
Pucha o Rei p'lo *pattá*, (*a*), Na luta par a par
rasgou o elmo real um golpe de matar.
Embravece o Rajá ao brando ferimento
e o duelo se faz cada vez mais cruento !...
e a folha do *pattá* cai certeira e tão bem
que entre o colo e hombro lhe abre a linha de *zanuem* (*b*)

Nenhum dos doze mil, nenhum de seus sardares
acode agora a Abdul n'stes crueis azares !
Vendo-o vencido empunha a espada Chrusnaji.
« Brahaman — lhe diz o Rei — não tocarei em ti,
que Xencor (*c*) se há de rir da minha covardia. »
Mas êle ainda assim rijos golpes brandia
« Brahaman, não os ferir em Shahaji o jurei.
« Não te devo matar » — inda repete o Rei —
Mas Chrusnaji redobra os seus golpes de espada.
« E' crime o brahmicidio ! » — o Rei em fim lhe brada —
e o brahaman recuou. Seguiu-lhe Seid Bandú,
que é morto logo ali pelo Maldar Giú.

(*a*) Espada moira (*b*) Linha sagrada do induismo que usam os brahmenes, ourives e ferreiros a tiracolo sôbre o hombro esquerdo (*c*) Nome de Deus Siva .

Após o revés foge Abdul es·
Os boiás foram dar com êle a . ar perdido ;
e no seu palanquim o caminho seguia,
quando, aos saltos, correu do seu posto de espia
o filho de Cauji, Sambaji Bonsuló (*a*)
e esmantela os boiás e palanquim sem dó.
Chega o Rei e Abdul é logo ali degolado.
Turbante de galão (*b*) do mais fino brocado,
mal passa a Pratapgadd dos campos de Zauli,
em premio oferece ao bravo Sambaji.

Fagil Khan quer tomar a paterna vingança
e de balas e seta em chuveiro avança!...
Mas apenas o Rei investiu o vizir,
tomados de pavor vão todos a fugir.

Do quartel em Pratap pl nos traça ás campanhas,
os caminhos guarnece e os passos das montanhas,
A infantaria avança em grossa preamar.
Como Angad ou An manta a Rog'nata servia
assim servia ao Rei a brava infantaria.
« Poupai se armas depõe, matai quem as cruzar
foi ordem com que o Rei as vidas quiz poupar.

Fagil indo a fugir o Rei corre a acossá-lo,
e êle vendo-o seguir, redeas larga ao c valo,

(*a*) Em maratha dizem Bonslê, em Koncani Bounsuló. (*b*) Galão chamado *mandil*.

mas ao gladio mortal dêsse real guerreiro
com o cavalo cai ferido o cavaleiro.
E os quatro mil lá vão co'os escudos por traz,
fugindo, á toda a brida, ao ataque tenaz.
Mas toda esta legião batida em debandada
ficou, com Abdul Khan, em Zauli sepultada.
A Bavani-Xencôr gaudio, glória a Khandiá
laureis ao Rei que então conquista Panalá!...
E com vitórias tais mais brilho juntar se há de
ao seu grande brazão da real magestade.

Adniandás o *avatar* (*a*) do Rei propala!...
Sugriva, Angad, Jãbuanta, Anmanta, Nila, Nala
são, no *avatar* de Ram, seus bravos generais,
assim, no do Rei, há guerreiros imortais
e, como Ram e Ravan no duelo singular
Sivaji não encontra outro que lhe ande a par.
E para o dar á luz, Ambá, mãe do universo,
em meio de Kali põem o *avatar* no berço
e diz: « Fruto do amor, promessa é de Mahdeu,
de que, onde quer que vás, triunfo é sempre teu! .

A mãi disse: o *avatar* é das minhas entranhas!
Do régio peito, então, saem vozes estranhas!.. (*b*)
E eu canto ao Rei agora a alma que è bem fazeja,

(*a*) Emcarnação divina (*b*) Diz o poeta Adniandás que, quando a mãe afirmou ser de suas entranhas o *avatar*, Sivagi fez शंकपाळ (Xancapalâ) isto é, que do peito do Sivaji se fez ouvir uma voz

que o odio reconhece e o veneno da inveja,
que é generosa e humana inda em prélio sanguioso!...
Feliz a mãe que deu êste *avatar* grandioso!
Jagdambá se gloría e Tulzá o abençôa!...
A Adniandás, que de toda a alma êste canto entôa,
em prémio de labor ceira de oiro em *tôddá* (*a*)
e um bom cavalo são dádivas do Rajá.

mystica e sobrenatural confirmando a afirmação materna. Assim explica um literato de Goa a significação daquela palavra maratha ignorada pelo próprio Shaligrama (2, pag. 17)

(*a*) Bracelete.

17 (H)

TRAÇOS GENEOLÓGICOS
DO
MAHARAJA

TRAÇOS GENEOLÓGICOS

DE

SIVAJI MAHARAJA

Shahaji Bonslê era um capitão intrépido. Servira como sardar (2, pág. 1) de Nizam Shahi e em 1634 tomou a regência dos domínios dêste (1, pg. 120). Depois da queda do reino do Nizam passou ao serviço do rei de Bijapur, obtendo a concessão hereditária de *jaguir* e de sonôdo, de 22 aldeias (2, pg. 2).

« Havia contraído casamento, em *condições muito* «*superiores* ao seu nascimento, com Jijabai ou Jizaú, fi-«lha de Lukhji Yadavarao de Sindkhed» (1 pg. XVII), descendente da antiga e real casa de Devaguiri.

«Dêste casamento (3, pg. 102 Vol. I) Shahji teve «dois filhos : o mais velho chamado Sambaji e o mais «novo Sivaji. O mais velho era favorito do pai e o «acompanhava desde a primeira infância, mas o mais «novo permanecia em companhia da mãe» desde que nasceu em Maio de 1627.

Logo no 3.º ano do nascimento de Sivaji, em 1630, Shahagi contraiu novo matrímónio numa família chamada Mohithey. E Jijabai com o filhinho de 2 anos se retirou, resentida, a residír para a casa de

seus parentes, conforme Grant Duff (3, pg 102 Vol. I).

A êste respeito diz o sr. Jadunath Sarkar (4, pg. 24) : « Mas na realidade *parece* ter êle abandonado a «ambos » Em seguida, porêm, como que emendando a mão afirma : «E' contudo, fóra de dúvida, que Jija- «bai perdeu a afeição de seu marido, provavelmente, «com a perda da mocidade e Shahaji a abandonou «com o filho recemnascido e tomou uma mulher mais «nova e mais bonita, Tuka Bai Mohitey, a quem e ao «filho desta Vyankoji prodigalisou todo o afecto e ri- «queza» (4, pg. 24).

E' porventura crível que simplesmente a perda da mocidade da mulher tivesse sido a causa dêle perder a afeição tanto pela mulher como pelo filho recemnascido ? ! ¿ E, de mais a mais, não a tendo perdido pelo filho mais velho, Sambaji, que ainda depois do 2.º matrimónio continuou a viver em companhia dêle até ser homem e ter caido morto no ataque ao forte Kanakgniri (entre 1648 a 49) como refere o mesmo escritor (4, pg. 48 a 49) ? ! E poderá ser chamado recemnascido um menino de quási 3 anos de idade, como era Sivaji em 1630, ano em que fôra repudiado com a mãe ? !

Entre os indús, como é sabido, voga a polygamia e não se exige e nem é usual o repúdio da 1.ª mulher para receber a 2.ª. Não tem, pois, êsse repúdio justificação nem na lei nem na praxe do induismo. E' um caso singular.

O mesmo escritor indú afirma, como se viu, que Jijabai « perdeu a afeição de seu marido *provavelmente* com a perda da mocidade » ; mas sendo certo que as mulheres indús casam antes da puberdade, o que *mais provavelmente* deve ter sucedido é exacta-

mente o contrário, isto é, que logo no 2.º parto (2 ou 3 anos depois do 1.º), não perdeu ela a sua mocidade, que não passaria, o máximo, de 17 a 19 anos, o que mostra estava ela então em plena exuberância primaveril da idade.

Em 1633, quando Sivaji teria apenas 6 anos de idade e estava a residir com a mãe perto de Bijapur, foram ambos presos pelos moiros « do forte de Trin-«back, de Nizam Shahi» levando-lhes também grande quantidade de valores (3. pág. 92 Vol. I).

Ora desde o nascimento de Sivaji era Shahaji sardar de Nizam Shahi (2 pág. 1) e em 1630 apoderou-se dos domínios do mesmo Nizam (4, pag. 27) (1, pg. 120 not. 10) ; e nestes domínios ficava comprendido o referido forte de Trimbock (4, pg. 26) ; portanto o governador dêste forte Mhaldar Khan e outros moiros que prenderam e roubaram a Jijabai e seu filho, ¡¿ não deveriam estar sob a acção do dominante Shahaji para serem, pelo menos, punidos e obrigados a restituir essa grande quantidade de valores ! ?

Acresce a tudo isso a circunstância de que foi por fiança prestada, não pelo marido e pai, mas pelas relações de parentesco de Jijabai, que se obteve a liberdade dela e do filho, como o afirma Grant Duff (3, pg. 120 Vol I).

¿¡ Mas que terrível crise essa para a pobre mulher tão nova, tão formosa e de tão alto nascimento, a de estar abandonada e só, a de ser-lhe assaltado e violado o domicílio, a de sofrer indefeza e abraçada ao filhinho assustado as isolências infrenes do bando grosseiro de moiros, que lhes roubaram toda a riqueza e os levaram, inda em cima, presos, quem sabe por

que maus e distantes caminhos até serem finalmente encerrados na solidão do carcere ! ?

Qual teria sido a causa, que levou êsse homem de tão alta posição social e tratado até como Shahaji—raja (Sahaji-rei) a proceder por essa forma deshumana, a tratar com tamanha diferença os dois filhos ! ? com tanto afecto o primogénito e com tanto desdem o segundo, uma creancinha inocente ! ? a ponto de não se importar nem de seu resgate, nem da própria dignidade ofendida pelos agravos praticados pelos moiros contra a mulher e filho?! Qual teria sido a causa de, com o mesmo desdem atroz ferir também e publicamente a esposa, sem consideração alguma pela qualidade de ser ela mãe extremosa do primogénito, que tanta estima lhe merece e o tem como seu inseparável companheiro ? !

O citado livro do sr. Sarkar diz : «Sivaji era, pois, «praticante um extranho para seu pai por muitos anos «depois de seu nascimento »! . . .

Bem presentira também Grant Duff na sua laboriosa investigação histórica, que havia quaesquer *questões domesticas* a influir nos negócios públicos (3. pg. 103) de Shahaji ! . . .

Para procedimentos domésticos que, como se viu se afiguram tão crueis tão desnaturados, a causa eficiente, que compeliu o agente e que se investiga, deve ter sido outro tanto mais forte.

Ora a causa capaz de determinar tais procedimentos encontra-se indicada no livro intitulado—***Vida e Acções do Famoso e Felecissimo Sivaji***, da Índia Oriental. Escrita por Cosme da Guarda, natural de Mormugão. Dedicada ao Excelentíssimo Senhor Duque Estribeiro Mor. Lisboa Occidental, na Oficina de Música.

Ano MDCCXXX—.

« A aldeia de Virar—diz o biógrafo—perto da ci-«dade de Baçaim, terras da Corôa Portuguesa foi a «pátria de Sivaji. Era Senhorio desta aldeia Dom Ma-«nuel de Menezes, e não faltou quem dissesse era «Sivaji seu filho. Valha a verdade. Mas foi sempre ti-«do pelo menor dos dous (*a*) filhos de Shahaji, Ca-«pitão do Idalcão, que morreu de velho governando «os Reynos de Maduré, Tangan e Tinja.»

Mas há ainda mais :

Entre os pareceres (7, pg. 11 a 13) que precedem as Licenças do Santo Oficio para a publicação dêste livro encontra-se um do Conde de Ericeira, no qual se lê o seguinte : « .... bem podia eu in-«teressar-me em contradizer que não era da Familia «dos Menezes quem foi infiel ao seu Deus e ao seu «Rey, mas se acaso teve êste sangue que lhe deu o «valor e a sciencia militar, como tantas vezes se ex-«perimentou na Asia, a educação que é muitas vezes «mais poderosa que a mesma nutureza, podia perver-«ter as outras calidades, que nunca faltaram aos ver-«dadeiros Menezes ».

O próprio Conde da Ericeira não nega, pois, as suas relações de consaguinidade com o grande Sivaji Maharaja, mas ainda reconhece existir nele as «calidades de valor e sciência militar da família Me-«nezes».

A robustez e o typo da raça lusa, a fisionomia, a corpulência, a côr, sobretudo tendo sido da côr rosada e loira e de corpulência robusta e opulenta (12, Vol. V. pg. 390) o progenitor, D. Manuel de Mene-

(*a*) Erro tipográfico no livro : *dose* por *dous*.

zes, que Shahaji havia bem conhecido em Virar, teriam sido, de certo, elementos bastantes para se lhe porem diante dos olhos como flagrantes indícios da similhança paterna reproduzida em Sivaji. E êstes indícios eloquentes junto com os boatos havidos, de que fala o citado biografo Cosme de Guarda e, quem sabe, quantos factos mais, apurados na ocasião, fundamentaram os ciumes pungentes e vingativos de Shahají, causais de tão profunda desarmonia conjugal e do ódio cruel contra a mulher e contra o filho, como iremos vendo ainda no decurso desta exposição.

«Virar é ainda hoje uma rica aldeia—diz (6) «um outro escritor indio, em 1900, na—Real Asia-«tic Society Bombay—fica cerca de 7 milhas ao nor-«te de Baçaim e 38 ao norte de Bombaim. Tem uma «estação de caminho de ferro, e cerca de 20 jardas «ao sul da estação existem restos de uma Igreja Ro-«mano-Católica e sôbre uma colina, á uma milha «ao sul, se erguem as ruinas de uma notável torre «portuguesa e um castelo, que provavelmente pertenceu á família de D. Manuel de Menezes».

Não há dúvida alguma de que D. Manuel fôra, de facto, senhorio da aldeia Virar, porque no livro do arquivo da Fazenda Pública de Goa, com a etiqueta —Tombo de Baçaim—consta a página 27 verso e 124, que a mesma aldeia, no ano de 1727, continuou no título e posse de seus herdeiros: «Dona Bernarda de Menezes, filha de D. Manuel de Menezes» e nos de «D. Pedro de Menezes».

Mr. Acwarth no seu livro citado (1, pg. 119) diz que Sivaji usava uma espada denominada Firangui, nome que na Índia dão ao português e parece

ser ela desta procedência em vista da circunstância referida pelo mesmo escritor inglês, por lhe constar da balada maratha por êle traduzida, de que Sivaji a costumava enrroscar em volta da cintura e isto mostra a particular flexibilidade da lâmina, que os fabricantes da época se esmeravam em temperar, e destas espadas raro vinham então de Portugal.

¿ Quem sabe se um dia Sivaji a recebeu das próprias mãos de D. Manuel naquele grande castelo feudal erigido no alto da colina em Virar ? !

Verdade é que quem lê os tratados entre o Estado português da India e os *Reis vizinhos,* achará certamente singular a linguagem de Sivaji para com os portugueses. O Conde de São Vicente, Vice-Rei da Índia portuguesa desde 1666 a 68 (7) escreveu o seguinte : «Porquanto Sivaji Raze me há escrito *repetidas vezes* desculpando-se da entrada que, ignorando êle e sua gente, fizerão em Bardês contra os Dessais, que entendia tinhão ali suas terras ; e que *seu ânimo era e foi sempre* de conservar a paz com êste Estado ».

Neste empenho êle respeitou sempre os nossos domínios e também as nossas Igrejas e o clero como se vê do testemunho insuspeito do citado sr. J. Sarkar que (4, pg. 462) apurou êste facto de acatamento ás Igrejas nas suas investigações históricas. Também no livro citado dêste escritor (4, pg. 507 a 508) se lê que o dr. Delgado, da Academia de Sciências de Lisboa afirma era Sivaji amigo dos portugueses.

Emquanto que dos ingleses Sivaji diria *são meus inveterados inimigos* (4, pg. 310). E puniu-lhes a capa da neutralidade com que se cobriam, em Dezem-

bro de 1660 quando surpreendeu Rajapur (4, pg. 299), saqueou-lhes a feitoria e levou presos 4 feitores : Henry Revington, Richard Taylor, Randolph Taylor e Philep Gyffard sendo conservados em prisão mais de 3 anos e postos em liberdade em 5-2-1663.

E essa particular disposição de *seu ânimo* para com os portugueses se manifestou por tal reciprocidade, que da parte do Mogol nos chegaram até queixas de que portugueses andavam a servir no exército de Sivaji (8). Parece reciprocidade da influência racial.

E, de facto, Sivaji não podia ser extranho aos boatos propalados á cerca de séu nascimento e que certamente se fizeram ouvir com maior mormuração depois do 2.º casamento de Shahaji com o repúdio atroz da sua mãe querida, que o beijara comovida quando criancinha de 2 para 3 anos o levava para longe do lar onde nascera, sendo comentados mais vivamente ainda diante da prisão da mãe e filho e do avultado roubo que sofreram 3 anos depois do repúdio, sob o indiferentismo glacial, senão instigação secreta de Shahaji. Pela agudez de instinctos infantis e comoções vivas experimentadas até aos 6 anos de idade, que então contava, não se lhe podiam apagar da retentiva as impressões dolorosas dos terríveis embates da vida por que passara junto com a extremosa mãe.

Libertados da prisão, não voltaram ás casas dos parentes, onde se haviam recolhido na crise recente do ignominioso repúdio e onde Sivaji se havia habituado a estar como em lar próprio ; não, fôram da prisão conduzidos para o forte do Kondaná (3, pg.

92 Vol. I), então sob o domínio de Adil Chah e portanto sob a influência de Shahaji, um dos mais conceituados capitães do mesmo monarca, fortaleza que com o seu aspecto marcial havia de lhes parecer á infeliz mãe e filhinho, nova prisão. Daí, em Março de 1636, achavam-se transferidos para o forte de Shiwner também ao capricho de Shahaji (4, pg. 23 a 24).

Tendo êste obtido do govêrno de Bijapur a concessão de vastas terras desde Chakan até Idampur e Shirval, como feudo, em Outubro de 1636 nomeou «seu administrador Dadaji Kondeu e lhe escreveu: «Minha mulher Jijabai, está vivendo no forte de Shiw-«ner e tem um filho chamado Sivaji. Ide trazê-la a ela e a seu filho e guardai-os ao vosso cargo (em Pu-«na) dando-lhes dinheiro para as despesas precisas» (4, pg. 25).

Nestas palavras textualmente copiadas pelo sr. J. Sarkar aparece mal disfarçada a frieza sinistra com que Shahaji havia destinado para a residência das víctimas de seus rancores essa região infestada então intensamente de toda a qualidade de feras perigosas, a ponto de a terem despovoado quási por completo: (4, pg. 27 e 28) *a No man's Land*, diz o sr. Sarkar referindo-se ao deserto medonho.

Além dêste fim sinistro a carta transcríta aclara tudo. Pois emquanto que nela diz *minha* mulher não diz *meu* filho; pelo contrário diz que tem ela aí um filho e acrescenta: «Ide trazê-la *a ela e a seu filho*».

Não era precisa mais prova da investigação da paternidade ilegítima e de criminosos rancores que a confirmam.

Jijabai do património próprio tinha mais de 25

laques de *huns* em propriedades (4, pg. 281), que de certo garanteriam largamente a independência dela e do filho. O facto, porêm, de Shahaji ter ordenado o administrador para lhes dar dinheiro para as despezas absolutamente necessárias, faz vêr que êle estava dispondo de tudo o que pertencia a Jijabai, sendo esta completamente expoliada e reduzida á miséria.

Verificado assim o facto da expoliação praticada dos bens do património de Jijabai e consideradas as circunstâncias do conteudo da carta escrita a Dadaji em 1636 é forçoso acreditar que também é expoliação promovida pelo mesmo Shahaji essa que se havia realisado com o roubo e prisão de Jijabai e filho praticados em 1633 por meio de moiros da fortaleza de Trimbakah, facto que atraz vai referido na hipótese de Shahaji haver-se conservado diante dêle num indeferintismo cruel. Mas a verdade é que êle se havia apresentado indiferente e extranho emquanto se praticasse a prisão e o roubo e fôsse pago o resgate ou prestada a fiança, ut Grant Duff (3, pg. 202 Vol. I) pelos parentes de Jijabai, provavelmente pelo tio Jagdeu Rau Jadow, que contra êle havia militado no exército de Mogol ; mas depois de ser por essa forma realisada a expoliação, foi êle próprio que contribuiu a fazê-los conduzir da prisão para as fortalezas de Kondanah e Shiwner donde pelas *suas próprias ordens* Dadaji os fôra trazer para a região de Puná infestada de féras, deixando-os sob o seu cargo e prestando-lhes alimentos.

E Sivaji não podia desconhecer esta subordinação forçada e humilhante imposta a sua mãe querida sendo colocada na dependência de um mero feitor,

um brahamene, que ela, como kshatria da família real, considerava certamente de casta muito inferior. Além disto via, que ela tinha por medonho e perigoso o sítio da residência igualmente imposta e em que ela estava a viver sempre assustada de ouvir os medonhos rugidos das féras, que assaltavam os viandantes e, de noite, iam buscar ás choupanas do proletário farta presa na mulher e filhos que lhe devoravam.

Com tais infortúnios domésticos a obumbrar-lhe o espírito Sivaji ia contudo passando a juventude por entre as florestas e montanhas gigantescas e fendidas em mil abísmos da região de Puná, a crescer e desenvolver-se em vigor atlético e leonina coragem, de modo que se não fôra o dôce afecto materno que o agrilhoava, tornar-se-ia certamente uma perigosa féra farpeada pelos desgostos.

Nas suas excursões venatórias não lhe faltavam companheiros entre mocetões robustos dos montanhezes, do tipo desse gigantesco Yessaji Kank (4, pg. 380), mais tarde oficial de seu exército, que, de espada em punho, sustentava os ataques e fazia recuar elefantes bravios.

Mas sentindo á cada instante as agruras da situação torturante imposta á mãe idolatrada; quanta vez não se teria recordado, com saudade, do castelo portugues erguido alteroso na colina de Virar, e cada vez que surpreendesse as furtivas lágrimas maternas, leão, ferido, como não pensaria no algoz que as fazia verter!

Como reacção natural, as suas aspirações não se limitavam, como Dadaji o aconselhava, a ser mero *jaguir* dos moiros, como era Shahaji; miravam mui-

to mais alto, miravam sobrepujar a realeza de Devaguiri, donde descendia pela linha materna, sendo conquistada com plena independência ao valor da sua espada, sonho doirado que o seu génio fogoso avultava nos estos do amor filial, quando pensava em acabar com os sofrimentos domésticos em condições de corresponder á altivez do espírito da amorosa mãe humilhada.

E neste empenho ensaiava os seus planos nos vastos domínios feudatários de Shahaji, e, espírito *aventureiro* (4, pg. 35) atribuido aos portugueses, percorria, com os seus companheiros, entre perigo das feras; os vastos plainos despovoados do distrito e as medonhas cordilheiras dos Sahydris.

Dadaji, lembrando-se embora tarde, lhe dera um excelente mestre, quando o vira já em idade própria de aprender a arte da equitação, esgrima e outras e lhe proporcionou, que em *pouco tempo* (4, pg. 30) se tornasse perito nelas; e assim se fez apto para a realisação de seus ideais de ferir campanhas.

Tornou-se, pois, contraproducente o intuito sinistro com que Shahaji lhe havia dado para a residência a região despovonda pelas féras. E Dadaji apreensivo se queixa a Shahaji de que êle á testa de um bando de montanhezes chega a praticar temeridades.

Entretanto Sivaji vai tomando parte nos negócios da administração dos bens, vai ganhando simpatia da fôrça armada do feudo e a das povoações que frequentemente percorre. Ainda sem interferência do administrador tomou o comando da mesma fôrça. Bem antes disto já fazia sair ordens (4, pg. 36) em seu próprio nome impondo-se como representante do

senhor feudatário. Em 1646 quando apenas contava 19 anos de idade comandou a sua infantaria formada de montanhezes Maulas e apoderou-se da rica fortaleza de Torna (4, pg. 38) e de 200,000 *huns* do respectivo tesouro, tudo pertencente á monarquia de Bijapur. Cinco milhas ao éste de Torna construiu a grande fortaleza Rajgad.

Noticias de tais agressções chegaram á regia côrte. Mas dizem que Sivaji já lá havia peitado os corruptos ministros ; e Shahaji, como era natural, secundou os ministros para salvar a responsabilidade própria. Mas escreveu secretamente repreendendo Sivaji e recomendando Dadaji para ter mão nêle.

Mas Sivaji não arredou uma linha sequer do caminho encetado e o seu primeiro acto depois da morte de Dadaji, em 1647, foi trazer debaixo de seu mando todas as porções do poente do feudo de Shahaji, de modo a formar um estado único sob a sua autoridade.

Fazendo tudo isso sem a permissão nem sciência de Shahaji está claro, que não se guardava já a consideração de filho para pai.

E no mesmo ano, 1647, tomou o pequeno forte de Rajgod situado no Estado de Bhore (1, pg. 119).

Shambáji Mohitey, irmão da 2.ª mulher de Shahaji, que estava colocado como agente numa subdivisão de Supá lhe recusou obedecer umas ordens e Sivaji imediatamente o remeteu preso a Shahaji como desobediente, anexando Supá *incontinenti* (4, pg. 39).

Bem sabia Sivaji fora desgostar amargamente a Shahaji por haver tratado por essa forma o cunhado. ¿ Seria provocação ? ! Parece. Mas Shahji não se atrevera a deslocá-lo da administração, mandando, por

exemplo, tomar conta dela ao seu primogénito Shambaji.

O forte de Chakan, os tanadares de Baramati e de Indapur se submeteram ao seu poder e se submeteu também o forte de Kondanah, tudo do domínio de Adil-Chahí. Apoderou-se-lhe igualmente da fortaleza de Purandar, do forte de Rohirá, Tikona, Lohagod, e Rajmachi (4, pg. 41). E transpondo os Gates ocidentais, entra no Konkão e toma o domínio feudatário de Kalian, pertencente ao árabe Mullá Ahmod, um dos influentes da corte de Bijapur ; e a sua cavalaria sob o comando de Abaji Sondeu invadiu as ricas cidades de Biundi e Kalian e lhes tomou valioso espólio. Em seguida apoderou-se do forte de Mahuli. Avança até Kolaba auxiliado de pequenos chefes indús descontentes com a moirama. Apodera-se dos fortes de Surgad, Birvadi, Talá, Ghossalgad, Dhurap, da cidade Rohá, Kanaguiri e da invencível fortaleza de Rairi e de Mahad. Passou, pois, como um cyclone dominando as fortalezas e vastos territórios da corôa de Bijapur. E pouco se importou que êstes feitos marciais fôssem comprometer gravemente a situação oficial de Shahaji perante aquela côrte.

De facto em 6 de Agôsto de 1648 (4, pg. 43 a 45) foi Shahaji conduzido em grilhões e posto em prisão rigorosa, sendo arrestadas, acto contínuo, todas as suas terras, menos, com certeza, as que estavam na posse de Sivaji.

Parece que se lhe foi dada a liberdade em Dezembro de 1649 (4, pg. 48 a 49) e êle passou daí a residir por algum tempo em Tungabadra ocupado a subjugar a rebelião de alguns chefes de seu *jaguir*

do norte de Mysore, onde pouco antes, provàvelmente durante a sua prisão, o seu primogenito e predilecto Sambaji havia sido morto pelos moiros no ataque que êle dera ao forte de Kanakguiri, que Shahaji depois tomou de assalto.

Este falecido Sambaji nunca em sua vida procurou acompanhar sequer uns dias, pelo menos, a mãe e irmão na região solitária e infestada de féras, onde os havia colocado Shahaji e conforme escreve o citado sr. J. Sarkar (4, pg. 25) Sivaji cresceu naquela solidão *sem irmão, sem irmã, sem pai !* . . .

Todavia Sivaji em consideração á mãe, havia procurado afastá-los de Bijapur e escrevera ao Principe Murad Bakhsh vice-rei Mogol do Decão para êste obter do Imperador perdão para Shahaji pela sua conducta passada e proteção para o mesmo e para os seus filhos, oferecendo-se para isso o próprio Sivaji a entrar também ao serviço do Imperador (4, pg. 46 a 47). Mas a morte de Sambaji havia rompido o único laço que o prendia a Shahaji e á consideração do amor da mãe pelo finado.

Depois ou pouco antes da prisão de Shahaji a côrte de Bijapur havia mandado sob o comando do maratha Baji Shyamrája uma expedição de 10 mil homens para prender Sivaji, mas um destacamento do exercito de Sivaji caíu sôbre Baji e o fez voltar com grande perda pelo mesmo caminho em que havia avançado.

Outra expedição de Bijapur mandada para o mesmo fim com o contigente de 8 mil (?!) homens sob o comando do moiro Randaula Khan, de Rahamatpur e do maratha Baji Ghorpandê, de Datvad, fora flanqueada em Wai pela fôrça do comando de

Sivaji de um lado e de outro pela do comando de Nêtoji, ambas num total de 10 (?) mil homens, deixando completamente desbaratada esta nova expedição de Bijapur.

Sivaji, continuando na sua marcha triunfal de conquistas, apoderou-se em Outubro de 1655 (4, pg. 53) do reino de Zauly feudatário de Bijapur. Esta conquista, além da extensão territorial, lhe deu muitos milhares mais de Maulas para aumentar o contigente da sua poderosa infantaria constituida de mesmo elemento ethnico de valor. Duas milhas ao poente de Zauli construiu o seu famoso forte de Pratapgad. Ao poente, nos plainos do Konkão, se apoderou da metade oriental de Ratnaguiri.

Em ocasião que se figurou oportuno e em obediência ao preceito do Korão, que não permite manter a paz entre rei maometano e os Estados visinhos *infieis*, o govêrno de Bijapur quiz chamar ás contas os seus vassalos refractários. Shahaji foi intimado a punir a rebeldia de seu filho. Mas êle, Shahaji, formal e francamente declarou, perante o govêrno de Bijapur, que Sivaji não é seu filho (4, pg. 67) e, portanto, que o mesmo govêrno ficava em plena liberdade de o punir como bem entendesse e sem consideração alguma aos sentimentos de paternidade da sua parte.

E foi resolvido então por aquele govêrno esmagar Sivaji pela fôrça e, para isso, é que saiu a grande expedição comandada pelo intrépido Abdul Khan, de quem se ocupa o poemeto do trovador Adniandás.

E', pois, o próprio Shahaji Bounsuló que declarou não ser seu filho e isto na crise terrível da ameaça de ser Sivaji esmagado pelo poder do despota de Bijapur; negou ser seu filho o grande homem da Ín-

dia, decantado como inclito reconquistador do Maharasthra, o Maharaja, o heroi da época, o génio da guerra que faz tremer no sólio as maiores potências da peninsula industânica e, acima de tudo, endeusado como novo *avatar* do brahmanismo!!..

Negar a paternidade a um vulto de tamanha altura, repudiar tão grande glória é porque de facto não era seu filho, é porque ante os olhos de Shahaji se levantava ainda mais alto a barreira insuperável da dignidade ofendida ou os rancores do ciume perante a verdade incontestável.

E Sivaji depois da morte de Shahaji, em 1664, nem lhe quiz haver a partilha da herança, que estava em poder dos 2 filhos do 2.º casal.; pois diz o citado Sarkar (4, pg. 366) ser muito duvidoso que êle tivesse querido seu legal património. De certo que não lhe convinha, principalmente depois do formal repúdio da filiação feito publicamente perante o govêrno de Bijapur em plena côrte.

Acima de tudo isso o seu valor antropológico ficava evidentemente muito superior á ethnia do indú, destacava-se por completo do meio em que se educara, crescera e vivia. «Na data da sua primeira em-«presa—diz Mr. Acwarth—em que fez a conquista «de Torna em 1646 (1, pg. XVII) não existia no «que fôra o antigo Maharasthra uma jarda sequer de «terra na posse independente de um maratha e mui-«to menos existia um único principe maratha inde-«pendente»... «Entre os seus conterrâneos era *êle só* «que se apresentou como *único* elemento raro de «fôrça e valor capaz de lhes revindicar a liberdade «subjugada pelos moiros por mais de 350 anos» (1, pg. XVI).

Um indú insuspeito e erúdito, o sr. Jadunatha Sarkar, nos fornece iguais elementos para determinação do tipo racial (4, pg. 496, 497, 498):

«Os seus explendidos sucessos — diz o escritor — «abrazaram a imaginação de seus contemporâneos e «o seu nome se tornou um encantamento chamando «a raça maratha para uma *vida nova*. O seu reino su- «cumbiu *dentro de 9 anos* depois da sua morte. Mas «a imperecível obra da sua vida foi a amalgama dos «marathas em uma nação, e o seu mais precioso le- «gado foi o *espírito* que insuflou no seu povo .... «Vejo-o como o *último* grande génio constructivo e «edificador de nação, que a raça indú produziu .... «Era iliterato .... Erigiu o seu reino e govêrno sem «visitar côrte alguma, cidade civilisada (*a*) ou campo «organisado. Não recebeu auxílio nem conselho de «algum ministro ou general experimentado. Mas o «seu *génio só e desajudado* o habilitou a fundar um rei- «no compacto, um invencível exército e um grande «e benéfico sistema da pública administração».

« Nenhum outro indú se apresenta com tamanha « capacidade nos tempos modernos ».

« Antes dêle o maratha era um simples mercená- « rio, mero servente dos extrangeiros . . . eram sem- « pre subordinados, nunca *leaders*. » Que mais para frizar a diferença ethnica ! ?

* * *

Na exposição industrial de Bombaim, em 1904,

(a) Pode ter visitado as cidades portuguesas de Goa, de Baçaim, de Damão, de Diu etc. então florecentes e no periodo de explendor da literatura portugnesa.

estavam expostos 3 quadros a óleo de retratos de Sivaji, um dêles, por sinal, representava a sua figura em gesto arrogante em frente do poderoso imperador Aurangzeb ; mas em todos os 3 quadros, de 3 diversos artistas indianos, a côr da pele era sem descrepância clara e levemente rosada dos portugueses, côr de que falam vários escritores (6) e com que mais ou menos é representado até hoje em todos os livros e todos os *exercise-book*, impressos na India inglesa, fazendo salientar sempre a sua corpulência: pescoço grosso, hombros vigorosos, peito largo e arqueado, não vulgares nos marathas, apesar de ser quási certo que os artistas costumam geralmente dar ás figuras humanas, que pintam a côr e a fisionomia parecidas com as da própria raça.

Os traços fisicos e morais copiados de procedência insuspeita, como o estão sendo, só dêles apresentam uma eflorecência racial, que se não comporta nos estreitos moldes ethnicos dos povos da India. Destacam-se a olhos vistos da grande massa populacional da legendaria peninsula, mostrando ser *vida nova* na frase do sr. Sarkar e produto de *novo* elemento racial de mais vigor, que o cruzamento havia exaltado porventura de um modo notável.

O seu belo e vigoroso typo europeu, de raça latina se completa com os caracteres intelectuais e morais que vão esboçados e por mil e uma aventuras, que a tradição e a história relatam, engendradas pela sua imaginação fertil, cerebração privilegiada e executadas pela sua coragem e destreza extraordinárias, no que frequente ressaltam o gesto impulsivo e o impeto peculiares da lusa raça. Era o terror dos inimigos, que acreditavam ter êle pacto com o diabo, ser

um *avatar*, a encarnação divina, pelo modo com que desaparecia das fortalezas sitiadas e desmanteladas e do mesmo modo assombroso com que, só com o troço de seus soldados escolhidos, penetrava em sítios bem guarnecidos do inimigo, e donde se retirava são e salvo depois de ferir e matar os que lhe andavam em perseguição.

A fama de guerreiro que triunfava das duas maiores potências da India, como a de Bijapur e a do império mogol era tão pavorosa, que tendo êle mandado pedir uma conferência a Cutub Chah, rei de Haidarabad, êste se mostrou receoso de se apresentar diante de um homem que, dizia êle, tinha morto o valoroso Abdul Kan, ferido o intrépido Shaista e desafiado o poderoso Aurangzeb no meio da própria côrte imperial!...

O primeiro dos 3 factos referido a Abdul é o objecto do poemeto em maratha, de que damos a tradução.

O segundo uma aventura perigosissima:

Shaista Khan um hábil e valoroso general mogol fôra escolhido por Aurangazeb para o alto cargo de Vice-Rei do Decão, mas com o principal encargo de suprimir Sivaji. Para isso tinha êle considerável fôrça e obteve alêm disto a cooperação da monarquia de Bijapur. O nosso heroi estava, pois, sendo atacado, a um tempo, pelas duas maiores potências da India. Shaista Khan desde Fevereiro de 1660 foi-lhe ocupando a seguir vários territórios de norte a sul até que entrou em Puna tendo-os guarnecido com postos fortificados, continuando de outro lado por meio de destacamentos a devastar e saquear por toda a parte os dominios de Sivaji. A 21 de Junho fôra

lhe sitear a fortaleza de Chakan, comandada pelo intrépido Firangji Narsala, emquanto que as hostes de Bijapur sitiavam Sivaji na fortaleza de Panalá. O infatigável Shaista depois de árduos labores de 2 meses de sitio e sacrificio de grande número de mortos e feridos conseguiu em fim a capitulação de Chakan. Dali se recolheu á sua residência de Puna com ánimo de aí passar a estação pluviosa. Cercou-se para isso de postos avançados, tendo em volta da residência os aquartelamentos das suas guardas, dos músicos, dos oficiais e logo ali o acampamento de 10,000 homens sob o comando do Maharaja Jaswant Singh e da indispensável cavalaria, por ser êste o indispensável elemento de combate moiro.

Sivaji viu-se forçado a lançar mão de uma aventura perigosissima para bater tão poderoso inimigo e vibrar-lhe um golpe de morte. Organisou 2 divisões cada uma de mil homens escolhidos para tomar os flancos do acampamento mogol. Com 400 homens dos mais hábeis marchou êle e entrou, alta noite, em Puna, respondendo, ao passar pelos postos avançados, que são soldados deccanis do império em marcha para os destacamentos. Pela meiá noite aproximou-se da residência do Vice-Rei, a qual fôra outrora sua própria residência. Era *Ramzan* mês da festividade moira. Os criados dormiam um sono profundo em consequência da rigorosa abstinência de todo o dia seguida da prezada refeição da noite. Alguns cosinheiros já se achavam a pé preparando a refeição, que é do rito tomar antes da alvorada; fôram surpreendidos e mortos pelos marathas sem o menor ruido. Encontrou porêm, Sivaji emtaipada com tijolos a porta que de cosinha se abria para o

que, na ocasião, era á câmara das moças do serralho do Vice-Rei. Fizeram na porta entaipada uma abertura capaz de dar entrada a um homem. As criadas fôram dar noticias do ruido de picareta. Mas o Vice-Rei se zangou por lhe haverem despertado no melhor de seu sono por uma coisa inacreditável. Entretanto Sivaji lhe penetrou na alcova, seguido de seus, e justamente quando lhe ia descarregar um formidável golpe de espada, uma das mulheres apagou a luz; Shaista Khan pôde escapar da morte com um polegar cortado; escondeu-se e não lhe saíu ao encontro. Mas a fôrça maratha, na escuridão da noite, foi ferindo, matando e saqueando o melhor que ponde, a gritar por toda a parte: « E' assim que vigiais o acampamento ?! ».

Se Shaista não lhe caíu sob o golpe da espada, fôra comtudo ferido no centro do seu próprio acampamento e demitido logo pelo imperador do alto cargo de Vice-Rei. Fora, pois, dêste modo, o temível inimigo posto fóra do combate e morto moralmente.

O 3.º facto se deu no meio do público *darbar* do aniversário natalicio do poderoso imperador mogol Aurangzeb.

Na magna reunião dos grandes do império e potentados visinhos (4 pg. 175) conforme o poeta Bhushan : «Aurangzeb estava sentado no trôno co-«mo o deus Indra com os seus subditos em volta» e todo o explendor da mais rica ornamentação oriental. Sivaji fôra colocado entre os comandantes de 5 mil homens, logar de graduação igual ainda a de seu próprio filho de 7 anos. Ferido por esta pública desconsideração, pouco se importa com os perigos da situação e se arremete, da espada em punho, desafian-

do os brios de Aurangzeb, que surpreendido pela atitude iracunda do grande Rei, saltou do trôno, a rebrilhar no seu grande uniforme imperial, de espada á cinta engastada de brilhantes e, espavorido, fugiu, a esconder-se na casa de banho.

Se não fôsse o grande pânico que Sivaji inspirava pelas suas assombrosas aventuras, certamente que por um acto de muito menor gravidade, teria sido fuzilado incontinente pelo grande despota de Agra.

Não se atreveu e, como era natural, Sivaji fôra colocado em prisão condigna confiada á guarda de mogois. Queixou-se, dias depois, de estar doente e, conforme o costume do induísmo, ordenou grandes cestos de doces e da casa da prisão os enviava diáriamente aos sacerdotes e outros brahmanes de consideração. As sentinelas revistavam os cestos, mas vendo dias seguidos que não continham senão cargas de doces, deixaram de o fazer. Um dia, mandou dizer aos oficiais da sua guarda nacional, que se lhe havia agravado a doença e que, porisso, não os podia receber. Neste dia entraram, como sempre, na prisão os cestos de doces, mas ao sair 2 dêles levavam, em um o grande Rei e em outro seu filho. Apenas apeados fóra da cidade, os dois fugitivos se desfarçaram em trages de *joguis* e seguiram para as bandas do norte. A fama espalhou-se do assombroso desaparecimento e conseguintemente o pânico ás represalias.

Depois de longa e fadigosa digressão entrou em um estabulo para comprar dois cavalos. O vendedor moiro, vendo largueza régia no pagamento do preço, diz para o extranho comprador : «pareceis-me ser Sivaji Maharajá». Um punhado mais de oiro fez calar o moiro e os forasteiros desapareceram a toda a brida.

Merece também mensão o seguinte:

Em Balvadi, pequena aldeia, 12 milhas a s e. de Sampgaon e 30 s. e. de Belgão, uma viúva, Savitribai, castelã e proprietária do sítio, mandou roubar uns bois de transporte do exército de Sivaji, quando êste por lá passava. O castelo ou casa forte foi imediatamente sitiado. A viúva defendeu-se heroicamente durante 27 dias e fez uma sortida, demoliu as trincheiras de sítio e dispersou e matou muitos sitiantes. Em campo aberto se sustentou durante um dia inteiro com toda a heroicidade; depois fugiu, mas foi capturada. Constou a Sivaji que fôra violada e que quem praticara o indigno facto, fóra Sakhuji Gaikwar, um de seus valorosos oficiais. Sivaji mandou imediatamente arrancar-lhe os olhos e o teve preso na aldeia Manauli. Faz isto lembrar o grande Afonso de Albuquerque, que mandara enforcar o fidalgo Ruy Dias por haver atentado contra a honra de uma das mulhres prisioneiras de guerra, que destinava para esposas de seus melhores soldados.

*
* *

Como elementos comprovativos da hereditariedade estudemos seus predecessores e descendentes colaterais da linha paterna:

Dom Manuel de Menezes (9, pag. 190 vol. II) a quem se refere o citado Cosme da Guarda, saíu de Lisbôa em 1616 comandando três vasos, mas nas alturas de Madagascar só lhe restava a capitania, quando se lhe apresentou nas mesmas águas uma armada inglesa composta de 4 vasos. O almirante inglês vendo-o só, mandou-lhe recado provocante. Dom

Manuel respondeu, que, emquanto os respectivos soberanos guardavam a paz, não havia motivo para os subditos a infrigirem e pediu ao almirante para se afastar. Os ingleses não se importaram e avançaram em atitude agressiva. Dom Manuel rompeu fogo sôbre o barco mais próximo e, atacado então pelo fogo vivo de toda a armada inglesa, sustentou o combate até ao caír da noite, que separou os beligerantes. O barco português continuou o seu rumo mas seguido da armada. Na madrugada esta recomeçou o fogo de todas as suas 4 unidades navais contra uma única portuguesa. Dom Manuel respondia com fogo vivissímo ateado pela sua inflamada coragem e indignação, apezar de vêr a sua náo já desmastreada. O almirante inglês lhe mandou então dizer que se rendesse. E a resposta única de Dom Manuel foi, que, se lhe mandassem nova mensagem desta ordem, enforcaria o mensageiro. E não se rendeu. A nado passou á terra com a tripulação, preferindo caír antes ás mãos dos cafres do que em poder dos ingleses.

Na *Historia Genealógica da Casa Real Portugueza* (12, Vol. V. pg. 390) se lê ácerca do mesmo: «Dom «Manuel de Menezes, Senhor de Reguengo de Maya, «General da Armada Real, Chronista-mór do Ryno «e Cosmografo-mór e Comendador na Ordem de «Christo das Comendas de S. Salvador das Vargeas «de Arouca, e de S. Martinho das Freixedas: era fi- «lho de D. João de Menezes, que disserão de *Cam- «po mayor* por ter herdade na vizinhança daquela Vi- «la, e neto de D. Manuel de Menezes ramo da Casa «de Castanhede. Desde os seus primeiros anos deu «D. Manuel de Menezes mostra de grande aplicação «ás boas letras, de sorte que sendo herdeiro da sua

«Casa, estudava como se não houvera de ter mais «emprego do que o de professor da literatura. Incli- «nou-se ás Mathematicas, em que fez grandes pro- «gressos: teve por Mestre ao Padre Delgado, Dis- «cipulo de Clavio. Soube com perfeição a Música, e «admiravelmente a História Romana, e Grega, de «cujo indioma tinha algum conhecimento. Da Hist. «Geneológica do nosso Reyno teve largo estudo e tan- «ta noticia e satisfação de si proprio do que sabia, «que dizia: *Que desejara ter oficio de poder casar êle «somente aos homens, porque só êle lhes poderia dar a «cada hum a mulher, que lhe competisse.* Na Poesia «foi sciente e pratico nos preceitos da arte, amando «por isto antes a arte que o exercicio dela, por não «ser nos versos feliz. O seu Autor Latino era Tacito, «e Grego Tucidedes; e dos Poetas vulgares estima- «va pela variedade a Ariosto, confessando sôbre os «heroicos a eminencia de Camões. Começou D. Ma- «nuel a servir na guerra desde a vinda do Prior «do Crato a Lisbôa com os Inglezes, e por ser de «gentil presença, muito semelhante á dos naturaes «do Norte, sucedeo, que por algumas Companhias «de gente miliciana, de que não era conhecido, foi «preso com voz: *de que era espia* dos Inglezes «que entre os Portugueses se dissimulava, e por «esta causa reteve toda a vida a alcunha de Flamen- «go, como em Portugal errada, e viciosamente cos- «tumão ser chamados sem distinção todos os nas- «cidos no Norte. Passada esta ocasião continuou «o serviço da guerra nas Armadas, em as quaes «foi brevemente Capitão dos melhores navios e qua- «tro vezes depois Capitão mor das naos da India, a- «onde só duas viagens fez a salvamento e das outras,

«em huma se perdeo, e em outra arribou, de que lhe «resultarão mais calumnias, que merces pelas duas «que acertou, ambas de maior credito, que interesse, «o qual desestimava, e apenas conhecia, por ser de «coração altivo, e inimigo de pompas, que reprehen- «dia com demasiado despreso. Assistindo em Madrid «no ano de 1611 passou a Paris em companhia do «Duque de Pastrana, seu parente ainda que em grao «remoto, por ser sua mãy D. Margarida da Silva, da «familia de Silva, como filha de Luiz de Silva, Capi- «tão de Tanger (aquele valoroso Soldado, que foy «morto pelos Mouros, e tão namorado como se vê «nas celebres trovas de Chrisfal) o qual era filho de «Ruy Gomes da Silva, Alcaide mor de Campo mayor «que ficava bem no meyo da linha, que divide Por- «tugal de Castella, por esta causa hoje devoluta, a- «onde fazendo grande cabedal de estudos pretendeo «o officio de Chronista-mor, em que sucedeo a Fr. «Bernardo de Brito pelos annos de 1618, e ao mes- «mo tempo o de Cosmografo-mor em que succedeo «a Manuel Figueredo, discipulo do famoso Pedro «Nunes. Deste retiro foy chamado para o governo da «Armada que teve cinco annos levando o soccorro «para a Restauração da Bahia. Nesta empresa tão fe- «liz ganhou nova reputação, confirmando a antiga de «*valoroso Soldado, homem robusto, dextro mareante e limpis- «simo Ministro*; e voltando ao Reyno não teve outra «remuneração, ou despacho mais, que a continuação «do seu posto, havendo elle insinuado aos Ministros «o desejo do governo do Algarve por viver, como «elle dizia, abraçado com os seus livros e com os «seus compassos. No anno de 1627 foi mandado a «conduzir as naos, que vinhão da India, de que era

«Capitão mor Vicente de Brito e depois de huma «larga tormenta veyo toda a Armada a perder-se na «Costa de França, de que só escapou o navio de que «era Capitão Gonçalo de Sousa. Este infeliz succes- «so escreveo D. Francisco Manuel na Epanafora «Tragica, que imprimiu com outras no anno de «1660. De França passou D. Manuel a Côrte de «Madrid a dar conta do naufragio da Armada, e «voltou a Portugal, onde poucos dias depois da «chegada faleceo em 18-7-1628. Tinha determina- «do abrir uma Aula de Cosmografia por obrigação «de seu cargo em o Covento de S. Vicente de «Fóra, a cuja lição convidava com grande gosto «os amigos. Da occupação de Chronista-mor deixou «escripto huma boa parte da Chronica d'El-Rey D. «Sebastião. Escreveu por mandado d'El-Rey uma «Relação da Restauração da Bahia. Imprimio outra «em Portuguez e Latim, do successo, e batalhas que «teve na nao S. Julião, (*a*) com a qual sendo Capi- «tão-mor d'aquella viagem se perdeo na ilha de Co- «morro alem de Madagascar, ou S. Lourenço. Escre- «veo e fez imprimir huma de naúfragio da Armada, «que temos referido. Compoz livros de Familias «comformes com a verdade de sorte que foy um dos «Varões, que, no seu tempo, ajuntarão á profissão «das letras a das armas».

Como se viu, D. Manuel de Menezes pelo seu sangue real, pelo seu singular talento de largos horizontes, pelos seus conhecimentos profundos nas sci-

(*a*) É certamente a mesma batalha naval gloriosa, que acima transcrevemos de Danvers e na qual se bateu com extraordinaria coragem, da sua unica nao, contra a armada ingleza de 4 unidades de guerra.

encias, letras e artes, pela sua inabalável coragem e valor marciais, pela sua perícia militar, pelo seu desinteresse e honradez, fornece na qualidade de progenitor de Sivaji Maharaja, o grande Rei, elementos bastantes para constituir os legados da hereditariedade valiosissima. Mas os caratéres fisicos, morais e intelectuais, como legados da progenie, encontram o seu simile, mais ou menos próximo ou mais ou menos remoto, nos indivíduos, que precedem na família do mesmo nome e do mesmo sangue e bem assim nos indivíduos, que descendem colateralmente. E como é secularmente conhecida a família dos Menezes, nos cumpre referir, a propósito, pelo menos a mais alguns membros dela para ficar constatado, que os traços caracteristicos da progenie não são meramente acidentais e produzidos por quaisquer outros factores do meio em que nasceu, mas que são próprios da família e frequentemente observados nos predecessores bem como nos sucessores dos ramos colaterais.

A mesma ***Historia Genealégica*** (12, Vol. V. pg. 187 a 198) nos apresenta D. Pedro de Menezes, casado, em 1462, com D. Brites, 2.ª filha do Duque D. Fernando e Duqueza D. Joana de Castro. Era então 3.º «Conde de Villa Real, *uma das principaes «pessoas do Reyno* pela grandeza da sua pessoa e re«presentação da Casa, em quem concorrião sôbre real «sangue, merecimentos próprios. Celebrarão-se os «contractos deste casamento no Mosteiro de Santo «Thyrso de Riba-Dave no Bispado do Porto, es«tando diante do altar-mor, aonde estes senhores se «achavão como diz a sua Escriptura: Stando hi pre«sente o alto, e poderoso Principe e Senhor Dom

«Fernando Neto de El-Rei D. João de esclarecida «memória Duque de Bragança, Marquez de Villa Vi-«çosa, Conde de Barcellos, de Ourem, e de Arrayo-«los e Neyva, Senhor de Monforte, e Penhafiel, e o Il-«lustre Senhor D. Pedro de Menezes bisneto d'El-Rey «D. Fernando de Portugal e d'El-Rey D. Henrique de «Castella, Conde de Villa Real, Senhor de Almeida, «Capitão e Governador, por El-Rey nosso Senhor, da «cidade de Ceuta em presença de mi Aires Gonçal-«ves Notario publico geral etc. Dotou o Duque a sua «filha, como diz a Escritura «hum milhão e quinhen-«tos mil reis pagadeiros em 3 annos» para o que lhe «fez consignação em certas rendas para êste dinheiro «que he hum conto e quinhentos mil reis, alem da «prata, e ornatos para o serviço de sua filha com a «grandeza, que a seu pae parecesse, o qual cedeo e «trespassou no Conde de Villa-Real cento e vinte «mil reis em cada um anno na vida delle Conde, e «que por sua morte passassem a dita Senhora: o «Conde lhe fez de arrhas setemil e quinhentas dobras, «alem de seu dote, com declaração, que houvendo «filhos deste matrimónio ficava todo o dote como «vinculado em morgado ao filho mais velho, e na «falta de filhos, á filha mais velha para sempre em «quanto houvesse descendentes, o que não teve então «efeito; mas depois no Reynado de El-Rey D. Manuel «obrigou a seu filho o Marquez D. Fernando a que a «dita quantia se empregasse em bens da raiz para fi-«carem em morgado conforme seu pae era obrigado «pelo contracto de seu casamento; e não os compran-«do como se havia offerecido ficaria em morgado o «mesmo dinheiro, que El-Rey lhe havia mandado en-«tregar como consta de huma carta, que está no livro I

«dos Mysticos feita em 8 de Março do ano 1502. Se-
«guiam se no contracto outras condições praticadas,
«entre grandes Senhores, o qual foi feito em 6 de
«Agosto de 1462 em que foram testemunhas o Dou-
«tor Pedro Esteves do Conselho d'El-Rey, e cavallei-
«ro da Casa do Duque, Gonçalo Barreto, João Cor-
«rea, Fernão de Esteves, Cavalleiros da casa do con-
«de e o Doutor Fernão Rodrigues, e Gomes Eannes
«do Porto, criados do Duque e João Affonso seu Se-
«cretário. Este dote com que huma Princeza casada,
não pareça pequeno regulando-se pelo tempo pre-
«sente porque então se tinha por muito grande.

«Depois de muitos annos de casado creou El-Rey
«D. João o II, ao conde D. Pedro, Marquez de Villa-
«Real estando em Beja em o 1 de Março do anno de
«1489, e honrando os merecimentos do Marquez fez
«este acto estando em Lisboa com grandes ceremo-
«nias, apparato, e magnificencia, como era costume, e
refere a sua Historia. Nesse dia vestido El-Rey de
«gala, e toda a Corte, appareceo posto no seu throno
«em pé debaixo do docel, e arrimado a um bofete, e
«com elle Principe D. Affonso, e o Duque de Beja,
«assistido dos Grandes e Senhores da Corte, aonde o
«buscou o Marquez, que sahio de sua casa acompa-
«nhado de muitos Fidalgos, pessoas do Conselho de
«muita authoridade, e nobreza, que o cortejavão, pre-
«cedido de trombetas, tambores, charamelas, e ou-
«tros instrumentos bellicos. Levava hum Fidalgo do
«Conselho Estandarte com as armas do Marquez, ou-
«tro a espada rica embainhada, e levantada com a
«ponta para cima, outro o barrete forrado de armi-
«nhos em um prato de prata dourada, e outro em um
«prato de ouro o annel e nesta ordem entrarão na

«antecamara de El-Rey, a quem depois de feitas as «ceremonias costumadas, os Officiaes da Casa a pu-«zerão em silencio, e o Chanceller-mor João Teixei-«ra disse em voz alta uma oração muy elegante, mos-«trando quam grande virtude era a liberalidade nos «Princepes, quando justamente distribuião os pre-«mios e as honras; e engrandecendo a El-Rey lou-«vou as Reaes virtudes e o goso, e esperanças em «que vivião os seus Vassallos na acertada educação «do Princepe, e do seu excellente natural; encare-«ceo o cuidado, e a facilidade com que El-Rey, fa-«zia merces, e remunerava serviços. Ponderou os «muitos que havia feito á Corôa Portugueza o Con-«de de Villa-Real, os relevantes merecimentos da «sua pessoa, relatando-os muito por extenso, referin-«do a grandeza da sua esclarecida ascendencia, por ser «bisneto por varonia dos Reis D. Henrique 2.º de Cas-«tella, e D. Fernando de Portugal, e as grandes pre-«rogativas da sua Casa, pelo que El-Rey o fazia Mar-«quez de Villa Real, e Conde de Ourem. Esta oração «foy traduzida na lingoa Latina pelo Doutor Luiz Tei-«xeira seu filho, e passou depois á Portugueza Miguel «Soares e se imprimio huma e outra em Coimbra no «anno de 1562. Acabada esta arenga chegou o Mar-«quez a El-Rey, que lhe poz na cabeça o barrete, e to-«mando a espada lh'a cingio, e tirando-lh'a da cinta, «com ella cortou as pontas da bandeira e ficou qua-«drada, e tomando hum annel de hum bom diaman-«te, lh'o poz em hum dedo da mão esquerda: aca-«badas estas ceremonias, o Marquez com os joelhos «em terra beijou a mão a El-Rey, e depois todos os «Senhores e pessoas grandes, que ali estavão. Neste «dia comeo o Marquez com El-Rey á meza em publi-

«co na Sala Real, que estava magnificamente apare-
lhada, e posto El-Rey debaixo do docel, se seguia
«o Principe á sua mão direita e, alem o Principe, na
«volta da meza o Marquez, e á mão esquerda de El-
«Rey o Duque de Beja. Acabada a meza com gran-
«de satisfação da Corte se recolheo, e o Marquez vol-
«tou á sua casa na mesma forma, onde por muitos
«dias houve festas, e banquetes, com que se enterti-
«verão os parentes, e amigos com grande custo, por-
«que o Marquez tambem repartio dadivas de preço
«para assim fazer mais plausivel a memoria d'aquella
«solenidade, mostrando nas suas acções quam gran-
«de era a sua pessoa e Casa, que se compunha de
«muitos estados. Foi primeiro Marquez da Villa Re-
«al, e terceiro Conde da mesma Villa, Conde de Ou-
«rem, Senhor de Almeida, das Villas de Freixel, e
«Arbreiro, Alcaide mor da Cidade de Leiria, Senhor
«das Ilhas Canarias, que comprou a D. Martinho de
«Ataide, Conde de Atouguia, e depois vendeo ao In-
«fante D. Fernando pay de El-Rey D. Manuel; Se-
«nhor das Villas de Chão de Couce, Pousa-Flores,
«Aguada, Roupella, Avellar, e Soverosa, Maçãas,
«Monta Bella, dos Casaes de Ameixoeira, das Hor-
«tas de Lisboa, da herdade de Requeixada em A-
«lemtejo, da Quinta da Lançada em Riba-Tejo, das
«Villas do Freixal, e Aveiro, dos Direitos Reaes de
«Tavira, do Dizimo do pescado de Silves, da Juris-
«dicação de Valença, do Castello de Vianna da Foz
«do Lima, dos Direitos das terras de Valadares de
«juro e herdade, que comprou a Leonel de Abreu,
«da terra de Ausura e seu Couto, e 3.º Capitão Do-
«natario e Governador da Cidade de Ceuta. Desta
«Praça lhe conferio El-Rey o governo quando não

«contava mais que 20 annos de edade sendo tão im-
«portante ; e sabendo El-Rey que se arguira esta e-
«leição pelos seus poucos annos respondeo : *Os filhos*
«*da Casa de Villa Real já nascem emplumados:* Foi o
«Marquez para esta Cidade com uma patente mui
«larga de prerogativas, em que se lhe amplearão os
«poderes em toda a jurisdicção, não differindo das
«mayores, que em outros tempos se passavam aos
«Infantes D. Henrique, D. Fernando, e Duque de
«Bragança seu sogro. Aqui mostrou prudencia, e va-
«lor na guerra contra os Mouros: nesta facção fazen-
«do milagres de valor sahio ferido o Marquez (então
«Conde de Villa Real) e conseguindo outros muitos
»prosperos sucessos, trouxe no seu tempo tão te-
«merosos os Mouros, que os obrigava a desampa-
«rarem as povoações, fazendo em suas terras entra-
«das com tanta felecidade, que se recolhia com os
«seus á Praça victoriosos e carregados de despojos,
«sendo elle o primeiro que fez os infieis tributarios a
«este Reyno. A Marqueza D. Brites o acompanhou no
«tempo que esteve na Ceuta, aonde das suas virtu-
«des deixou admiravel memoria. Depois voltando ao
«Reyno acompanhou a El-Rey D. Affonso V no
«anno de 1475 na jornada de Castella, e com elle
«se achou no recontro da ponte de Camora, e ficou
«com o Duque de Guimarães guardando a Rainha
«D. Joana na Cidade de Toro por ordem de El-Rey,
«e por este inicidente se não achou na batalha. O
»Marquez com o dito Duque foy escolhido para se-
«gurar o campo quando El-Rey desafiou a El-Rey D.
«Fernando.

«Não só na guerra, mas na paz foy sempre o
«Marquez da Villa Real attendido. Quando nasceo o

«Principe D. João, foi no seu bautisado hum dos Se-
«nhores que levarão as varas do palio, em que era
«seu companheiro o Marquez da Villa Viçosa. No an-
«no de 1491 em que morreo o Principe D. Afonso, o
«acompanhou ao Real Mosteiro da Batalha. Foy elle
hum dos Senhores, que se acharão presentes á morte
«de El-Rey D. Manuel, e em outras muitas ocasiões
«se achou o Marquez. El-Rey D. Afonso V o esti-
«mou quanto merecia a sua pessoa e as suas virtudes
«fazendo-lhe muitas mercês. Entre outras achamos,
»que no anno de 1463 lhe deu os reaes de Entre
«Douro e Minho, que é uma certa pensão que os
«Lavradores pagarão e tinha este direito sido dos In-
«fantes D. Henrique, e D. Fernando, irmão e tio do
«mesmo Rey e assim nos mais Reys que se seguirão
«alcançou e encontrou o Marquez a sua estimavel
«attenção e favor. Era filho de D. Fernando de No-
«ronha, 2.º Conde da Villa Real, Capitão e Gover-
«nador de Ceuta, em que entrou por Carta de El-Rey
«D. Duarte de 18 de Outubro de 1437, com tanta
«felecidade que se não desconheceo no seu governo
«nada menos do que lograrão os moradores e caval-
«leiros dáquella Praça no dilatado governo d'aquel-
«le insigne Varão D. Pedro de Menezes, 1.º Conde
«de Villa Real e 2.º de Vianna, 1.º Capitão e Go-
«vernador da Cidade de Ceuta, que lhe deu para
«mulher a sua filha herdeira D. Brites de Menezes:
«neto do Senhor D. Affonso Conde de Gijon, filho
«de El Rey D. Henrique de Castella e da Senhora D.
«Isabel filha d'El Rey D. Fernando de Portugal. Mor-
«reo o Marquez D. Pedro de Menezes no anno de
«1499 depois de huma larga vida e foy sepultado
«no Mosteiro de S. Francisco de Santarem e trans-

31352

«ladados os seus ossos para o de S. Francisco da Ci-
«dade de Leiria aonde jazem. El Rey querendo hon-
«rar os merecimentos de hum tão grande Vassallo,
«se encerrou e tomou luto por alguns dias, o que os
«Reys não costumam fazer senão pelas pessoas, que
«lhes são mais chegadas em parentesco do que era o
«Marquez; porem a sua grande pessoa e as muitas
«partes, e virtudes que nelle concorrerão o fazião
«merecedor de tão estimavel distincção precisa nos
«Princepes com semelhantes Vassallos. Desta escla-
«recida e tão excelsa união nascerão os filhos seguin-
«tes:

a) «D. Fernando de Meneses 2.º Marquez da Vil-
«la Real de quem em carta de 15 de novembro de
«1496 dizia El Rey D. Manuel, que lhe fazia esta
«mercê pelos seus serviços e pelo devido *a que a nós*
«*he tão chegado*; e assim era porque a Marqueza D.
«Brites, mãi deste Marquez era prima com irmã da
«Infanta D. Brites, mãi de El Rey D. Manuel. No
«anno de 1490 estando em Villa Real o mandou cha-
«mar El Rey D. João o II a Evora, aonde então
«residia a Corte, para o mandar a Cidade de Ceuta, e
«esta foy a primeira vez que foy a esta Praça, onde fez
«notaveis entradas nas terras dos inimigos com tanto
«valor, como fortuna, em que desbaratando por mui-
«tas vezes os Mouros, conseguiu victorias, com que
«fazia memoravel seu nome e aos Soldados utilisava
«com os despojos, e quasi sem perda da nossa gente,
«como se vio quando deu sobre a Villa de Torga, de
«que os Mouros temidos se acolherão á serra ós que
«puderão, e os demais ficarão mortos e cativos, e de-
«pois dos Soldados se utilizarem do saco, foi a Villa
«entregue ao fogo. Nesta occasião se acharão D. An-

«tónio de Noronha, D. Diogo e D. Henrique, seus ir-«mãos, e estes 2 ultimos depois da victoria armou «Cavalheiros na presença de muitos Fidalgos e pes-«soas de distincção .... Não descançava o Marquez, «porque como na guerra lhe interessava o zelo na Re-«ligião.

«Seguiu a conquista da Villa de Camisê sem em-«bargo de perigosas entradas ..... falleceu em Al-«meirim no anno de 1523.

b) «D. Pedro de Menezes 3.º Marquez de Villa «Real, 2.º Conde de Aloutim e de Valença, 5.º Ca-«pitão General proprietário de Ceuta e Senhor de «Almeida. Foy erudito .... Foy hum dos mais insig-«nes e valorosos Capitães do seu tempo; como mos-«trou quando assistio governando a Praça de Ceuta «em que conseguio muitos triunfos.

c « D. Leonor de Noronha foy Senhora de exce-«lentes virtudes, *erudita nas humanas, e Divinas* le-«tras, *versada em diversas lingoas* .... Foi ornada de «muita erudição e piedade, como mostrou nas *Obras «que escreveo*; a saber, a elegante traducção de Latin «em Portuguez das *Eneidas* de Marco António Sabe-«lico, das quaes a 1.ª e 2.ª se imprimirão no anno de «1553 e as outras se conservam manuscriptas, *Trata-«do da Historia de Job* que imprimio no fim da *Eneida*; «hum *Tratado* em que se contem 3 *Meditações*, a que «ajuntou uma *Breve declaração do Padre Nosso*. Tambem «imprimio no anno de 1552 hum livro intitulado «*Principio da Nossa Redempção*, que trata das vidas de «Christo e da Virgem Maria, pelo que é louvada por «muitos Escriptores ..... vivendo em perfeita casti-«dade acabou com opinião de virtude no anno de «1563 contando 75 de edade, e della faz mensão,

«como de pessoa insigne em virtudes, o Licenceado «Jorge Cardoso no Angiologio Lusitano entre os «Santos e Varões illustres em santidade no dia 17 «Fevereiro. Jaz no Mosteiro de S. Domingos de San«tarem na Capella de Jesus.

«D. Afonso de Noronha filho quarto do 2.º Mar«quez de Villa Real .... Governou com grande re«putação a Praça de Ceuta por seu irmão, onde en«trou no anno 1538: d'allí o chamou El-Rey para «Vice Rey da India no anno de 1549, para o que lhe «fez algumas mercês. Sahio de Lisboa a 3 de Mayo «de 1550 com 4 naos alêm de hum galeão que não «estava prompto mas logo o seguio .... Chegou a «Ceilão no fim de Outubro e passou a Cochim ... «5.º Vice Rey, 17.º Governador do Estado, que re«geo com desinteresse 4 annos com alguns prospe«ros sucessos, destruino huma Armadá dos Turcos e «conseguindo um glorioso nome *voltou pobre ao Reyno* «(12, vol. V pag. 206).

No seu tempo (10, pag. 132) se tomou a fortaleza de Califa aos Turcos e se ganhou uma grande victoria contra os Reis de Jao, que haviam cercado Malaca.

«D. Pedro de Menezes (12, vol. V pg. 264), filho «último dos Condes de Linhares, Capitão de Ceuta «em 1550 nomeado por El Rey D. João o III. «Cor«ria Alcande de Tetuão o campo, e como D. Pedro «tinha grande coração, lhe pareceu ser cousá indig«na soffre-lo» .... «Chegando á vista delle e reco«nhecendo o grande numero dos Mouros e a pouca «gente, que o acompanhava, incitado pelo valor os «accometteu sendo elle o primeiro que os feriu com «a sua lança fazendo maravilhas o seu valor; porem

«cedendo á multidão, foi desbaratado e morto e seu «sobrinho D. António de Noronha e outros Fidalgos «em 18 de Abril de 1551.

D. Miguel de Noronha tambem Conde de Linhares é Vice Rei da India (10, pg. 135) por 6 annos e 1 mez. «No seu tempo se ajuntou á corôa de Por«tugal o grande Imperio de Manamotapa e se des«cobriram as muitas minas d'aquellas partes. Fez«se respeitar de todos os Reis da India: recuperou «a ilha de Ceilão e a fortaleza de Mombaça. Anne«xou ao Estado a Ilha e o forte de Carambolim. «Construiu o Hospital de Piedade com grande des«pendio da sua fazenda, o qual com uma pensão «deixou ao cargo do Senado de Goa, e por concor«data de 1680 passou á administração da Irmandade «da Misericordia, e em 1706 se unio ao de todos os «Santos fabricado em 1547. Edificou a casa de Pol«vora, a grande ponte de Pangim a Ribandar, fortifi«ficou as terras de Bardez e a Ilha de Goa, levan«tando fortes e reductos na sua longa muralha; e «apezar de tantas obras a Fazenda não ficou deven«do um só vintem á pessoa alguma».

*
* *

Ha muitos mais membros da familia Menezes que aqui merecem menção pelos seus altos dotes e na citada Historia Geneologica ha, pois, vasto campo de exploração; mas os escassos ambitos desta obra e ainda mais escassos os recursos economicos do profissional não dão logar á tao vasta colheita. Todavia não podemos despregar os olhos da rica messe e apontar mais alguns nomes dignos de *barões assig-*

nalados que fizeram a admiração do mundo pelos seus feitos sobrehumanos, a par dos quaes se levantaram os do grande reconquistador do Maharasthra por ser do mesmo sangue e animo esforçado.

«D. Antonio Luiz de Menezes (12, Vol. V. pg. «278) succedeo na casa de seu pay : foy 3.º Conde «de Castanhede, 1.º Marquez de Marialva por mercê «d'ElRey D. Affonso VI, do anno de 1661, Senhor «das Villas de Marialva, Merles, Mondin, Cerva, A-«they, Hermello, Alvaro, Vilar de Ferreiras, Avelãas «do Caminho, Leomil, Penela, Povoa, e Valongo, do «Morgado de Medelo, e de S. Sylvestre, Comenda-«dor de Santa Maria de Almonda, de S. Romão de «Bonris, de S. Cosme de Azire na Ordem de Chris-«to, do Conselho do Estado e Guerra, Vedor da Fa-«zenda, Governador das Armas de Lisboa, Setuval, «Cascaes, e toda a Extremadura, Capitão General «da Provincia de Alemtejo, onde conseguio glorio-«sas victorias. Foy a primeira a das Linhas de Elvas «em 14 de janeiro de 1659 rompendo as Linhas, em «que estava o Exercito dos Castelhanos mandado «por D. Luiz Mendes de Haro, e soccorrendo ao «mesmo tempo aquella Praça, que elle tinha sitiada, «com huma total derrota de seu Exercito. Acabada a «Campanha, divididas as guarnições pelas Praças, e «despedidos os soccorros, passou a Lisboa, aonde «logrou o applauso, que merecia a vantagem conse-«guida pelo seu valor, e pela actividade com que a-«juntou o Exercito, superando as grandes difficul-«dades, que a todos parecião invenciveis. Entrou no «Paço a beijar a mão á El Rey, que na Casa, em que «o esperava, deu alguns passos a recebel-o, honra «singular, mas merecida do esclarecido procedimen-

«to do Conde. Entre outras mercês lhe fez a do Ti-
«tulo de Marquez da Villa de Marialva em duas vi-
«das, de que se lhe passou Carta em 11 de junho de
«1661. Depois se lhe fizerão novas mercês, e entre
«ellas a de dignidade de Marquez de juro e herda-
«de para sempre fora da Ley Mental huma vez, e que
«seu filho mais velho se pudesse logo cobrir com o
«Titulo de Marquez: foi passado o Alvará em 14 de
«Mayo de 1675. Voltando o Marquez ao governo
«da Provincia de Alemtejo, alcançarão pelo seu ze-
«lo, e actividade prosperos sucessos as nossas armas,
«até que ultimamente no anno de 1664 foi manda-
«do a mesma Provincia com o posto de Capitão Ge-
«neral e sahindo com o nosso Exercito, se alojou de
«fronte de Badajos, aonde acampava D. João de Aus-
«tria, filho de El Rey Filipe IV com o Exercito de
«Castella, e não conseguindo obrigal-o á huma acção,
«deliberou o Marquez buscar empreza, que com rea-
«lidade acreditasse o poder do Exercito, que gover-
«nava, e resolveo sitiar a Praça de Valença de Al-
«cantara, que rendeo sem grande opposição, e ten-
«do nesta Campanha ganhado outros Logares de
«importancia, se recolheo com o Exercito a Ex-
«tremos já separado dos soccorros das mais pro-
«vincias do Reyno. No anno de 1665 se poz em
«Campanha com hum lusido Exercito, em opposição
«ao Marquez de Carracena, que com o de Cas-
«tella tinha posto sitio á Villa Viçosa; e sahindo
«de Estremos a soccorrel-a, ganhou a famosa batalha
«de Montes-Claros em 17 de Junho do referido
«anno com grande perda dos inimigos, porque pas-
«sarão de quatro mil os mortos e de seis mil os pri-
«sioneiros, e entre elles alguns de grande supposi-

«ção, como o General D. Diogo Correa, D. Gaspar «de Haro, filho de Conde de Castrilho (naquelle «tempo Valido de El Rey D. Filippe) genro do Mar- «quez de Carracena, e Capitão das suas Guardas, «que morreo em Extremos das feridas, que recebe- «ra na batalha, D. Manuel Carrasa e outros muitos «Officiais; tomando tambem tres mil cavallos, quator- «ze peças de artilheria, dous morteiros, quantidade «de ballas, todas as armas de Infantaria, oitenta e «seis bandeiras, dezoito Estandartes, os timbales do «Marquez de Carracena e do Princepe de Parma, e «todos os fornos e instrumentos de expugnação, que «trazia o Exercito. Poucas Nações houve na Europa «que se não achassem na batalha de Montes-Claros «e testificarão não só o valor, mas a sciencia, com «que foy conseguida esta assignalada victoria, que foy «a ultima das seis, que os Portuguezes ganharão aos «Castelhanos depois da venturosa Aclamação de El- «Rey D. João o IV e ella foy o remate dos trabalhos «padecidos em tão prolixa e dilatada guerra, porque «obrigou aos Castelhanos a pedirem a paz, que se «concluio no anno de 1668, em que foy hum dos «Plenipotenciarios do Tratado o mesmo Marquez, a «quem a fortuna servio na Campanha e auxiliou «na paz; porque em toda a parte foy felicissimo ou «como General, ou como Ministro, pois as suas vir- «tudes o fazião amado, e as suas victorias, dando «hum *brado universal na Europa*, o fizerão digno da es- «timação entre as *mais Nações*; e assim coroado de «triumfos, de applausos dos seus Naturaes e de «aclamações de *Libertador da Patria* (tendo immorta- «talisado o seu nome) morreo em 19 de Mayo de «1675. Jaz em S. Pedro de Alcantara de Lisboa e o

«seu coração sepultado ao pé do Mausoleo, em que «jaz El Rey D. João o IV.».

Agora, visto que um dos membros da familia de D. Manuel de Menezes é o Conde da Ericeira, que assignou um dos pareceres do Santo Officio para a licença da publicação do livro de Cosme da Guarda e que, como se viu, não nega as suas relações de consanguinidade com o grande Sivaji mas, pelo contrario, reconhece neste «as calidades de valor e sciencia militar da familia de Menezes,» convem verificar que na realidade as mesmas qualidades são tambem da herança physiologica dos proprios Condes da Ericeira investidos deste titulo desde 1-3-1622.

D. Diogo de Menezes, 1.º Conde da Ericeira, (12, Vol. XI) Commendador de Alcacer, da Ordem de San Tiago, Gentil Homem da Boca de El Rey D. Filipe IV, Governador do Algarve. Não há dúvida que foi por seus merecimentos que se criou o titulo. Mas a escassez de dados biographicos dêste illustre varão atribuimos, alêm da mingoa de nossos recursos, á crise nacional da mal orientada dominação filippina.

«D. Fernando de Menezes (12, Vol. XI) 2.º «Conde da Ericeira, Senhor do Praso de Louriçal, «Comendador de S. Pedro de Elvas e de Sta. Cristi«na de Sersedelo na Ordem de Christo, Governador «das Armas da Marinha e de Peniche, Deputado da «Junta dos Tres Estados, eleito pelo Estado da Nobre«sa em 1669, nomeado Vedor da Fazenda e Gover«nador do Algarve, que não aceitou, Gentil Homem «da Camara do Infante D. Pedro, depois Principe «Regente, lugar que largou por falta de saude, Rege«dor das Justiças do Conselho do Estado e Guerra.

«Nasceo em 27 de novembro de 1614. Serviu com «rêputação na *guerra de Italia* e, depois de aclamado «El-Rey D. João o IV, nas *campanhas* de Alemtejo e «no governo das Armas de Marinha e de Peniche; «foy tambem Governador e Capitão-General de Tan-«ger, para onde passou com toda a sua casa e familia «no anno de 1656 e ali mostrou a *sciência militar* «adquerida na *pratica da guerra, grande valor nas ac-«ções* e muita *prudencia* no governo político. Teve «*grande estudo das mathematicas* e mais artes liberaes, «sendo ornado de excellentes virtudes. Nas sciencias «não só foi douto, mas *dos mais insignes professores*; «soube a lingoa latina perfeitamente e nella escreveu «a «Historia do tempo de El Rey D. João IV» a qual «Sua Magestade mandou imprimir magnificamente «levando no principio o primoroso retrato do Conde «e a sua Vida Elegante escripta na mesma lingoa la-«tina pelo Pe. Antonio dos Reis, alumno da Congrega-«ção do Oratorio e Director da Academia Real. «Compoz mais o Conde um «Compendio da vida da «Rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboia» e um «tomo de «Cartas e Versos.» Na italiana e hespanho-«la compoz muito, assim em prosa como em verso; «e na ultima algumas Comedias. Na lingoa portugue-«za escreveu em excellente estylo a «Vida d'El Rey «D. João I,» que se imprimiu no anno de 1677 e a «Historia de Tanger» que compehende desde a sua «origem até a sua ruina e se imprimiu em 1732. «Deixou manuscriptas varias relações historicas dos «sucessos politicos e militares do seu tempo, Ora-«ções e Discursos Academicos, que recitou sendo «Presidente da Academia dos Generosos e Solitarios «de que foi grande fautor. Entendeu a lingua france-

«sa com perfeição, compoz um «Epitome da Filoso-«phia» e muitos Tratados das Mathematicas, scien-«cias a que teve notavel propensão. Foi consumado «em toda a erudição, de genio grave e sincero, com «pura intenção nos negócios e notavel christandade. «Não se deixou dominar da paixão; e tendo no lar-«go espaço de quasi 85 annos exercitado tantas vir-«tudes christans, moraes, militares, politicas, e corte-«zãs, foi tal a *perfeição da sua vida* que afirmam os «seus confessores que nunca comettera culpa mor-«tal. Morreo em 22-6-1699. Casou com D. Leonor «Felippa de Noronha, 1.ª filha de Simão de Salda-«nha, e della teve: D. Joana de Menezes que foi «unica herdeira da casa e condado da Ericeira, nas-«ceu em 15-9-1651 e casou com seu tio:

«D. Luiz de Menezes, que nasceu em 22-7-1632 «e foi pelo seu casamento 3.º Conde de Ericeira; «Commendador da Ordem de Christo, em que teve «as commendas de S. Cipriano Angeira, S. Martinho «de Frasão, S. Bartolomeu de Covilhã e Senhor «da Villa de Ancião. Serviu na guerra contra Cas-«tella com valor e fortuna desde o anno de 1650 «até o fim della occupando vários postos como o «de General de artelharia; se achou nas batalhas do «Canel e de Montes Claros, em que teve gloriosa «parte como em outras muitas acções militares do «seu tempo. Foi Governador das Armas da Provin-«cia de Tras-os-Montes, do Conselho de Guerra e «Vedor da Fazenda de El-Rei D. Pedro o II com «zelo e applicação notavel, fazendo varias fabricas de «manufactura em todo o Reino. Compoz em 2 vol. a «historia da aclamação até a paz com a Castella de-«baixo de titulo de «Portugal Restaurado», a «Vida

«de Jorge Castrioto» na lingua castelhana, «A vida «do 1.º Marquez de Tavora», que se imprimirão e ou- «tras muitas obras que não sahirão á luz porque ante- «cipando-se os achaques aos annos, morreo em 26 «de Maio de 1690». Seu filho :

«D. Francisco Xavier de Menezes nasceu em «19-1-1673, 4.º Conde de Ericeira . . . Deputado da «Junta de tres Estados, do Conselho de Guerra e «Mestre do Campo, General do Exercito de Sua Ma- «gestade. Serviu na guerra da Grande Aliança, sendo «elle um dos seis que a Magestade do Snr. Rey D. «Pedro II, alem da sua familia nomeou para o a- «companhar no anno de 1704. No seguinte foi nome- «ado Governador de Evora e no anno de 1707 Ge- «neral de Batalha, em que se distinguiu *como os seus «ascendentes que* **sem excepção** *serviram todos na guerra «com valor e fidelidade».*

*
* *

«D. Luiz de Menezes (12, Tom. V. pg. 377), «5.º Conde de Ericeira, nasceu em 4 de novembro «de 1689. He muito aplicado á lição dos livros não «só das boas letras mas da Historia, e Sciencias, a «que naturalmente o leva o genio herdado e o exem- «plo de seu pae e avós, de quem elle soube ser fiel «imitador de tantas virtudes, porque em 1735 foy «com universal satisfação associado á Academia Real «da Historia, de que elle é um dos dignissimos Aca- «demicos. Serviu na guerra da Grande Aliança com «distincção» E aos 22 annos, sendo Coronel do Re- gimento de Infantaria de Serpa, marchou a libertar a

Praça de Campo-Mayor sitiada pelos castelhanos. A grande distância ainda da Praça fora vigorosamente atacado na marcha, mas, vencendo o ataque e, com o mesmo denodo, transpondo a distância, cae sôbre os sitiantes e introduz na Praça um corpo de 700 homens. Pelo acto de tanta distincção, com que fizera levantar o cerco, foi promovido a posto de Brigadeiro.

Nomeado Vice Rei da India aos 27 annos do edade chegou a Goa a 9 de Outubro de 1717. Promoveu (10, pg. 139) a felecidade do Estado animando a agricultura e a indústria e destribuido justiça pronta. Fez-se respeitar dos inimigos do Estado. Ordenou que a nossa esquadra do golfo persico fôsse bloquear o porto da cidade de Por-Patane até que o Divão pagasse os 32 mil xerafins de tributo em divida. Mas o general em chefe da esquadra, D. Lopo José de Almeida, melindrado pela resposta do Divão, ordena immediatamente o desembarque de 200 homens das fragatas e, á viva força, faz escalar a Praça. E' repellido. Mas em nova escalada se apodera dela, que era defendida de 26 peças de artilheria e que *era mui rica e os seus moradores os melhores soldados da Asia*, como informa o proprio Conde (11, pg. 45) pelo seu relatório ao Rei, no qual se revela mais uma vez o seu grande espirito de justiça e mando ao acrescentar : *pelo que determino fazer com o general a demonstração que merece a sua desobediencia sem embargo de que as armas de V. Magestade, com esta occasião, se farão tão respeitadas como merecem.*

O general «reduziu (12, Tom. V. pg. 378) a cin«zas a cidade de Porpatane, cuja victoria custou aos «nossos somente 80 homens, e aos inimigos mais de

«1500 entre mortos e feridos .... obrigando-os a «darem reféns em satisfação do tributo de 19 anos «.... e a se sujeitarem ás condições que o Vice Rei «lhes impuzesse no Tratado de Paz, que depois se «concluiu em Goa.»

«Esta expedição escreveu em verso heroico, ele«gante e primorosamente Francisco Giraldes, Solda«do, que passara deste Reyno a servir na India, e se «imprimiu em Paris, dedicada ao conde por seu au«tor».

«No anno de 1718 em que El-Rei da Ilha de «Sumba, adjacente ás de Timor, lhe pediu soccorro «pela incendida guerra, em que o tinha posto o Prin«cipe seu irmão, lh'o concedeu o Vice Rei, sendo «commandantes desta expedição Francisco Fernan«des Varella, e Francisco Hornay, moradores de «Larantuca na Ilha de Solôr, e com ella destruiu o «Principe deixando livre o amigo do Estado.

«No fim do mesmo anno recebeu uma solemne «embaixada de Chá-Heifein, Rey de Persia, sendo o «embaixador chamado Tamuras-Beg, o *segundo*, que «aquelles Monarchas mandaram aos Vice Reys da «India, depois do que recebeu em Ormuz o Grande «Affonso de Albuquerque» Tão alto subira, pois, a fama do seu valor.

Foi por êste embaixador que o Rei da Persia lhe pedira soccorro contra turcos e arabes, e o Vice Rei lhe enviou uma armada (9, pg. 384) que foi fundear em Bander Congo em fevereiro de 1719. Em 14 de Agosto, 6 meses depois!.. surgiu naquelas águas poderosa armada arabe preparada, há muito, para o combate. Em 15 se travou renhida pugna; os portugueses atacaram com tal fúria que logo puzeram o

inimigo em retirada. Em 16 a esquadra adversa se dirige para o estreito perseguida sem tregoas pelos portugueses durante todo o dia. Em 17 mal avistada foge precipitadamente indo abrigar-se a 30 legoas de distância, no porto de Jalfar, para se reparar e munir-se do reforço esperado tanto de Mascate, como dos inglezes e holandezes, que, por ambição e inveja, nos embaraçavam os passos na carreira gloriosa da conquista e civilisação dos povos, em vez de caminharem a par na senda do progresso com os argonautas lusos, que lhes haviam aberto as portas dos mares para largas explorações. Depois de reparada e reforçada a armada inimiga, surgiu para novo combate e a 30 de Agosto as 2 esquadras beligerantes romperam fogo vivissimo, mas até ao cair da noite a dos inimigos estava completamente debandada. Em 31 recomeçou a campanha, mas a armada inimiga perseguida sempre pelos portugueses, se refugiou, em 2 de Setembro, para os seus portos, depois de ter gasto todos os seus melhores esforços desde 14 de Agosto. Foi assim que o prestigioso nome do benemerito, valoroso e tão novel Vice Rei cobriu de novo prestígio as armas lusas.

O poderoso Angriá, que, com o seu arrojado corso infestava o mar das Indias empobrecendo o commercio, foi pelo Conde castigado.

A energica proclamação do brioso Vice Rei, de 19 de Julho de 1720, chamou á ordem o governador inglez de Bombaim, Charles Boone, abatendo-lhe assim a philaucia do despotismo britanico e obrigando-o, por medidas coersivas, a respeitar os artigos do tratado da livre doação de Bombaim feita ao Rei da Inglaterra pela corôa portuguesa.

«Ao mesmo tempo que (12, Tom. V. pg. 379) o «Conde cuidava tanto nas expedições militares, se «empregara no Político para a boa direcção do Estado: a este fim em observancia de huma ordem «mandada ao Vice Rei D. Francisco da Gama, 4.º «Conde de Vidigueira no anno de 1620, remetteu a «El Rey varios Regimentos para a boa administração da Fazenda Real de Goa e para o governo de «cada uma das Feitorias, que o Estado tem em diversas partes; fez tambem Ordenanças Militares para o «serviço das Praças de guerra, e outras para as tropas na campanha. Esta obra mais vasta pelo que com«prehende, e de grande trabalho, teve nella o maior «premio, qual foi o da aprovação d'El-Rey que mandou se observassem na India aquelles Regimentos.

«Em Damão fez uma Torre no sítio de Pareri para receptaculo dos gados, e dos paysanos, e para os «livrar dos insultos de alguns regulos, e em pouco «tempo poz em summa perfeição um Forte de qua«tro grandes baluartes com uma boa paliçada a que «deu o nome de S. Luiz de Pareri. Em Diu reedificou «entre outras ruinas as do baluarte do mar e do de «Santa Lusia; em Baçaim o de Elefante, e outras di«versas obras não menos importantes.»

Depois de executadas estas obras em 1720 houve (9) uma grande affluencia de povo em Diu, principalmente de artifices e vasto incremento comercial.

«Na provincia de Salsete (12, Tom. V. pg. 139) «ao sul de Goa plantou um bambual, que tendo per«to de 800 braças de frente e 10 de espessura fecha «aquella peninsula formada pelo Rio-de-Sal e pelo «de Morgon (*Margão*) e fez dous quarteis para outras «tantas Companhias de Infantaria, e as duas portas

«do bambual, cada huma com quatro canhões para fi-«carem defendidos os quarteis, e a imitação destas «fez outras muitas obras na cidade de Goa, uteis á «commodidade dos moradores.

Estava neste empenho de fazer prosperar e consolidar os dominios da India e se preparava para a reconquista de Mombassa occupada pelos arabes, ha pouco ainda batidos por elle nas agoas de Bander-Congo, quando «acabado o tempo do seu governo «deixou n'aquelle Estado uma viva memoria do seu «admiravel talento, do seu zelo, valor e desinteresse «e o entregou ao Vice-Rey Francisco Joseph de Sam-«paio (12, Tom. V. pg. 139) 12.º Senhor de Villa-«Flor e embarcou para o Reino . . . em 25-1-1721, «porem exprimentou tormentas tão furiosas que não «podendo já a nao aguentar por estar desarvorada «de todos os mastros, abrindo agoa por muitas par-«tes, e a cana do leme fendida de alto abaixo, se viu «precisado, no horror da noite de 11 de março pelas «10 horas, a fazer aliviar a nao, alijando ao mar 11 «das 30 peças de artilheria que a guarneciam, armas, «granadas, e uma grande parte das fazendas, e tudo «o que vinha nas duas Camaras, porque as bombas «não podiam dar vazão á agoa que fazia: desta sor-«te armadas humas bandolas, navegaram por mui-«tos dias á descrição dos mares com 43 curvas que-«bradas e a nao arrochada por estar aberta pelos tri-«canizes e n'este perigoso estado continuaram 460 «legoas, desejando arribar á Ilha de Mascarenhas por «ser a terra mais visinha, hoje habitada dos france-«zes, e a que dão o nome de Bourbon.

«Estes continuados trabalhos em que o Conde «com a sua familia não só mandava, mas trabalhava

«como qualquer soldado da fortuna, se viram aug-
«mentados no dia 30 do referido mez, em que pade-
«ceram outra tempestade muito furiosa, mas conser-
«vando a nao as bandolas, chegaram a dita ilha, onde
«desembarcaram em 6 de abril com muita gente do-
«ente tendo perdido alguma, que no trabalho da tor-
«menta ou cahira no mar, ou com a queda dos mas-
«tros ficara morta ou incapaz de trabalhar.

«Foram recebidos o Conde e o Arcebispo de
«Goa D. Sebastião Peçanha de Andrade (que devido
«aos seus achaques voltava para o Reyno) pelo Go-
«vernador da Companhia da França Beavollier de
«Courchant com todas as demonstrações de amisade,
«mandando por prompto o muito de que elles neces-
«sitavam: desembarcaram os doentes, e a gente que
«era necessaria para o trabalho do corte dos mastros
«e madeiras para o concerto da nao, a que logo se
«deu principio.

«Contavam poucos dias de descanço dos passa-
«dos trabalhos, quando o Conde, que estava em ter-
«ra no dia 21 de Abril de madrugada, ouviu duas
«peças, com que fez signal o Capitão de Mar e Guer-
«ra Francisco de Moura, que estava a bordo, e a ban-
«deira colhida, mandando a lancha a terra, na qual
«embarcou o Conde acompanhado de Joseph de Fa-
«ria Travassos, que fora seu capitão da guarda e ha-
«via servido com brio na guerra com o posto de ca-
«pitão de infantaria, Bartholomeu Coelho, seu secre-
«tario, e outro creado, sem embargo da persuasão do
«governador da Ilha, que representava ao Conde,
«que não expuresse a perigo a sua pessoa, o qual re-
«vestido de brio do seu alto nascimento lhe respon-
«deu, que elle devia correr o mesmo risco que a

«nao d'El Rey seu Senhor.

«Preparou-se para a peleja com mais valor que «meios para a defensa, quando distinctamente vio «dous navios limpos, e bem carenados, com bandei- «ras inglezas (*a*) que se vinham chegando com a vira- «ção do mar tendo duas baterias livres, do que co- «nheceu ser piratas dos que se estabeleceram na «Ilha de Cirne, 30 legoas distante daquele porto, o «que com effeito eram, os quaes vendo que a nossa «nao se ponha em defensa, largaram bandeiras negras «semeadas de caveiras e espadas e lhe deram uma «grande descarga de artelheria e mosquetaria (*b*) e pe- «lo miseravel estado em que se achava a nao, por «não ter meios de se poder marear, foi facil aos ini- «migos irem á abordagem, da *segunda vez*, que a inten- «taram e havendo-lhes lançado dentro 400 homens «foi a poder de viva força com a morte de 8 portu- «guezes, e feridos 13, sendo mais de 45 entre mor- «tos e feridos os negros, que se não defendiam, e a «maior parte pelo fogo das granadas, porque os por- «tuguezes mortos e feridos, foram poucos de ballas e «os mais pelos golpes das espadas.

«O que o Conde obrou sómente neste dia basta- «va para fazer esclarecida a sua memória entre os «*Varões insignes da Casa de Menezes*, por que não só

(*a*) Não seria vingança promovida pelo gov. inglez de Bombaim, Charl's Boone e outros agentes da East Indian Company of Merchants por causa da energica repressão de 19-7-1720 inflinginda pelo Conde e por lhes ter tambem inutilizado o soccorro prestado aos arabes na batalha naval de Bander-Congo? Elles jogavam com toda a sorte de armas. (*b*) E os representantes da grande França na ilha de Bourbon cruzaram os braços e ficaram a olhar os 2 navios inglezes bem artilhados a atacarem a nao portugueza, acolhida no seu porto tão desmantelada por 2 successivos temporais!... Contudo tivemos de lhes agradecer a hospitalidade legitimamente franceza.

«do valor mas de prudencia deu tantas provas como «lemos no Author de Cartas Curiosas, que se impri- «miram em Paris no anno de 1725, aonde vem uma «exacta relação deste sucessso, e diz que o Conde «estivera firme e valoroso, sustentando um terrivel «fogo dos inimigos, e que acompanhado de *onze* pes- «soas, em que entravam as tres nomeadas, se defen- «dera muito tempo no convés e, ainda mais, expos- «to por estar vestido de encarnado, porque se fazia «alvo, a que se encaminhavam muitos tiros dos dous «navios dos piratas, pelo que se teve por milagroso o «não ser ferido, e que o Conde se vira precisado a «aparelhar e dar fogo elle mesmo a algumas peças «com pedaços de pao por falta de instrumentos, o «que irritou de sorte aos piratas, que impetuosamen- «te se lançaram sobre elle com os alfanges ás cutila- «das, de que afortunadamente escapara com vida, «como escrevera em huma individual Relação o go- «vernador da Ilha de Bourbon á Companhia das In- «dias, na qual dizia, que o Conde sem embargo de «ver a nao abordada por tanta multidão de inimigos «ainda assim continuara intrepidamente a defender-se «no convés aparando no bastão os golpes, por ter já «a folha da espada quebrada, e que sem duvida o «Conde e todos os mais acábariam aos fios das espa- «das dos piratas se Tayler inglez, Quartel Mestre dos «piratas, gritando furiosamente não detivera que o «matassem, e a todos fazendo com a sua voz, que ces- «sassem o combate.

«Foi o Conde conduzido com os demais á nao do «Commandante, de que era capitão Siger inglez «e tratados com muita decencia, sem que tirassem «as armas aos prisioneiros, nem se levassem da am-

«bição, por ser de oiro a espada do Conde ainda que «com a folha quebrada, nem do Habito da Ordem «de Christo. O nosso navio que se achava desarvora-«do, e falto de manovras, foi levado a reboque á en-«seada de S. Paulo, e o Conde com os seus depois de «tres dias, havendo dado ao capitão duas mil patacas que mandara pedir ao governador da Ilha, foi con-«duzido para ella, e acompanhado pelos officiaes dos «navios, que cada um o salvou com vinte uma peças. O governador da Ilha attento o esperava, e lhe fez «todas aquellas honras, que reconheceu lhe eram de-vidas á pessoa e caracter em todo o tempo, que nel-«la se deteve, que foi até 15 de novembro em que «embarcou para Europa no navio Tritão da Compa-«nhia das Indias, de que era capitão Fougery Garnier «de S. Maló, que vinha de Moka carregado de café. «Este capitão o tratou com todo o genero de respei-«to nao só pela sua grande pessoa, já conhecida por «elles, mas pela aliança com que se achava na casa «do principe de Rohan-Soubise.

«No anno seguinte de 1722 no mez de abril che-«gou ao porto de S. Orient na costa de Bretanha, e «d'aqui passou a Paris sendo tratado em todas as ter-«ras, por onde passava, com todas as honras milita-«res e politicas devidas á dignidade de Vice-Rey, e «ao seu alto nascimento, como com mais individua-«ção lemos nas memorias d'aquelle tempo, o que a «Magestade d'El-Rey D. João V mandou agradecer «por D. Luiz da Cunha, seu Ministro, e Plenipotenci-«ario em Paris a El-Rey Christianissimo, e ao Duque «Regente, fazendo mercê a Fougery Garnier que con-«duziu o Conde, de dar-lhe o Habito de Christo e «mandando depois dar mastos, madeiras e enfarceas

«aos navios da Companhia, que desarvorados ou com «outras causas arribaram a Lisboa, não se lhe acei- «tando nos Armazens o dinheiro, que importou esta «não pequena despeza, e em Goa se teve a mesma «generosa correspondencia com outros navios fran- «cezes, que necessitados buscaram depois aquelle «porto, no qual já em outras occasiões os francezes «haviam achado não só hospitalidade, mas generosas «demonstrações de outro Vice-Rey como adiante di- «remos.

«O Conde depois de ter recebido n'aquella côrte «inexplicaveis distincções, e honras d'El-Rey Luiz «XV e de Duque de Orleans, Regente, e saber me- «recer por mais de um anno tantas, e tão reiteradas «demonstrações de estimação, partindo para Portu- «gal passou por Bayonna, aonde experimentou da «Rainha viuva d'El-Rey Carlos II as maiores de- «monstrações de agrado por espaço de 11 dias, que «esteve n'aquella cidade, mandado-lhe um coche da «sua pessoa para andar todo o tempo que ali se de- «tivera. Na côrte de Madrid foi recebido pelo Rey «Catholico (a quem o apresentou Antonio Guedes «Pereira, então Enviado Extraordinario de Portugal) «com notaveis attenções, e seguindo a sua jornada «entrou em Lisboa no dia 23 de junho de 1723 ».

Agraciado com o titulo de Marquez de Louriçal por carta de 22 de abril de 1740 e nomeado pela segunda vez Vice-Rei da India, saiu de Lisboa a 7 de maio do mesmo anno e chegou a Goa a 13 de maio de 1741. Digno respresentante da gloriosa casa dos Menezes e herdeiro das suas legendarios virtudes, como das d'aquelle Conde de Ereceira, que atraz vimos affirmar, em resposta a Cosme da Guarda,

com o mais nobre e justo orgulho português, que os Menezes da sua família nunca foram contra o seu Deus e contra o seu Rei, palavras com que simbolisa espontaneamente o lema nacional da *dilatação da fé e conquista*, lá se apresenta êle, o valoroso Vice-Rei, educado nos mesmos princípios da moral portuguesa—para libertar dos pezados grilhões do paganismo os nossos irmãos de Goa desmembrada;—para nos reintegrar na sua tradição gloriosa a *madre de toda la India*;—para acudir á pungente derrocada dos domínios portugueses do Estado, causada pelo apoucar da fé e com ela o mingoar da consciência do bem e fraternidade cívica; pois que para tanto abatimento e desdoiro nacional, no próprio clero em vez de apostolos medravam Escariotes, até houve português renegado e feito moiro (9, pg. 404 II) que dirigira contra nós os ataques do maratha—houve a criminosa incuria ou suborno, como em outras fortalezas, do general da ilha de Salsete (9, II. pg. 402) e a de seus imediatos, como causal de a terem deixado apoderar-se pelos marathas—houve o facto da fortaleza de Saibona, quási da mesma forma, capitulada depois de 13 dias de valorosa resistência e apezar de haver abundância de provisões e de material de guerra (9, II pg. 404);—o da fortaleza de Manorá, que igualmente, depois de prolongada e heroica resistência ao sítio, fora vendida ao inimigo (9, II pg. 405) pelo seu próprio comandante com tácito assentimento de seus imediatos no mando.

Nesta calamidade, porêm, o santo ardor do patriotismo não abandonou de todo os portugueses: a fortaleza de Maim, resistiu com heroismo sobrehumano ao apertado cêrco de 80 mil homens e de uma

poderosa armada que a bombardeava pelo mar; sem socorro algum e quando apenas restavam petrechos só para 2 dias é que, á instância do povo que se via apertado, capitulou, mas com todas as honras, saindo a guarnição armada e equipada e levando suas mulheres e filhos, seu fato e *imagens sagradas* (9, II. pg. 408-409).

Guerreiros com êste espírito da moral nos fizeram escapar á invasão e suborno dos marathas os domínios de Chaul, de Damão e Diu (9, II. pg. 412). Em Goa haviam-nos tomado o maratha e os Reis de Saunt-Vaddi e de Sundêm, ambos nossos tributários, Salsete inteiro menos a fortaleza de Mormugão e 9 legoas ao sul, Bardês todo menos as fortalezas de Agoada e de Reis-Magos. Além dêstes retalhos só restavam para a posse do novo Vice-Rei a ilha de Tisvaddi, a de Chorão, da Piedade, de S. Estevam, de Combarjua (9, II. pg. 415) e a de Ponolêm.

O Vice-Rei trazia de Portugal alguma fôrça destribuida em 6 naos da sua armada para acudir a esta crise de derrocada fatal. Chegou a Goa com 1 ano e 6 dias de fadigosa viagem, tendo neste decurso, naufragado uma das naos e sendo a fôrça militar victimada por mortifera epidemia. Todavia tendo em 18 de Maio de 1741 tomado a entrega do govêrno, logo em Junho, aproveitando de uma inesperada estiagem, fez imediatamente sacudir de Bardês o audacioso Rei de Saunto-Vaddi, Quema Saunto, apezar de auxiliado, como era, pelo poderoso Baji Rao; e foi reduzido ás antigas condições de feudatário e obrigado a pagar as indenisações. Com a mesma facilidade, sacudindo as fôrças de Baji Rao, libertou e retomou Salsete e as fortalezas e territórios de San-

guêm, de Pondá e bem àssim os de Supêm (9, II. pg. 416) situados na encosta oriental do Gates e que se estendem para o norte, desde Karwar até Chrisnãpur e Jabundi, ambos do nosso domínio.

Infelizmente—diz Danvers—a victoriosa carreira do Vice-Rei, D. Luiz de Menezes, foi cortada pela morte prematura, mas que mesmo durante a sua curta administração, fez muito no sentido de restabelecer a reputação das armas portuguesas.

Faleceu no palácio de Panelim a 12 de Junho de 1742 e os seus restos mortais jazem ao pé do altar do sagrado túmulo de S. Francisco Xavier na Velha cidade de Goa.

*

* *

As superiores qualidades, que exornam o grande Sivaji, se apresentam, como se vê, mais ou menos pronunciadas em cada um dos membros da nobre e distincta família de Menezes ; e mesmo quanto á notável precocidade, que os escritores lhe especialisam e com a qual êle, o excepcional heroe indiano inaugorou os seus victoriosos cometimentos, temos que também D. Manuel de Menezes bem cedo encetou a sua carreira pública laureada e de brilhantes feitos de armas ; D. Pedro de Menezes aos 20 anos nomeado governador de Ceuta, se provou habilíssimo administrador e operou tantos prodígios de valor, que no seu govêrno é que os moiros se fizeram tributários do Reino ; D. Luiz de Menezes, 5.º Conde de Ericeira, aos 22 anos em coronel do Regimento de Infantaria é o libertador glo-

rioso da Praça do Campo-Maior, apertada por um cerco de numerosa fôrça dos castelhanos, que o sustentavam ainda á grande distância contra quaisquer soccorros, que pudessem chegar; aos 27 anos Vice-Rei da India dirigindo sábio e triunfante o timão do Estado, restabeleceu a reputação das armas portuguesas no Pacifico, no Indico, no Arabico e perante os potentados da India, Arabia, Persia etc. etc. Estes três, como muitos outros da mesma familía, pela precocidade que os caracterisa, inspiraram até o conceituoso dito de El-Rei D. Pedro II: *os filhos da casa de Villa-Real já nascem emplumados*, dito que se adapta perfeitamente ao grande Sivaji, que muito novo organisou a sua fôrça militar e já aos 19 anos conquistava a rica fortaleza de Torna, aos 20 a de Rajgod, continuando victorioso a conquista e fundação do seu vasto império.

COROLÁRIO

A aspiração do imperialismo sugeriu ao inclito Afonso de Albuquerque a ideia de fundar na Índia uma colónia lusa para sustentar e dilatar o grande império, que previa o seu génio clarividente, e, para isso, logo após a conquista famosa de Goa, realisou 450 casamentos de seus melhores soldados com mulheres turcas, árabes, indianas, da. côr branca e da boa procedência.

Albuquerque repetia muita vez, que êle merecia do Rei mais agradecimento por haver defendido Goa contra os portugueses, do que por havê-la conquistado aos tu[illegible]or duas vezes. Ora apesar desta índole nacional [illegible]eviana, a colonisação lusa foi prosperando em Ceilão, em Cochim, em Chaul, em Baçaim, em Diu, em outros pontos da India, como em Goa.

Da vasta região da Ásia central, denominada Aryana, devido a pletora populacional e dissidências religiosas ateadas, de quando em quando, pelos seus profetas e bardos, irradiaram emigrações de seu povo conhecido sob o nome de aryano. Assim como em grandes e sucessivas levas foram para o ocidente e ali se estabeleceram e se espalharam, deixando, como na França, indeleveis vestígios em nomes geográficos de ***Septimania*** (सप्तमनि), ***Indre*** (इंद्र), ***Soma*** (सोम), recordação respetivamente de sete Manús, 7 sábios, da divindade Indra, do licor sagrado Soma, empregado então em sacrificios, sendo êsses povos

ali conhecidos sob o nome, entre outros, de Celtas, que na nossa Lusitania produziram os valorosos celtiberos; igualmente da mesma região da Asia central desceram outras levas espalhando-se pela peninsula indiana e criaram aqui, no vale gangetico, para mitigar a saudade da pátria, a sua amada Aryavarta, nova mãe pátria do aryano, que teve por limites ao norte o Himalaya sul Pariyatraka, e ao nascente e poente, conforme Manú e outros, os 2 grandes mares (14, pg. 380).

A formosa e alva Jijabai ou Jizaú, mãe amorosa do grande Sivaji é da estirpe daquele povo e, como atraz se referiu, do sangue régio do aria ou celta da imigração indiana.

D. Manuel de Menezes, pai dêsse grande heroe indiano, da colónia luza de Baçaim, é também do elemento étnico da *raça arica* na linguagem de Teófilo Braga (15. tom. II. pg. 292), do *elemento celtico preponderante do nosso Portugal* na linguagem de Adolfo Coelho (15, tom. II pg. 303) e do « carácter *celtico* no génio do povo português » no dizer de Oliveira Martins, dêsse mesmo elemento étnico donde sairam os Veriatos, invensiveis leões do Herminio, que esmagaram o jugo dos romanos, dêsses soldados lusitanos, á cuja frente dizia Napoleão ser capaz de conquistar o mundo, afirmação histórica e de toda a competência para desmentir, de hoje para sempre, a impudente frase de Oliveira Martins de que « toda a gente há a consciência da nossa fraqueza militar ».

Atenta, pois, quási a mesma origem celta ou arica dos 2 progenitores de Sivaji desaparece a idéa de mestiçagem, como entre os celtiberos do ocidente.

Essa idéa que teve o grande Albuquerque de fundar na India a colonisação lusa para o fim de estear, defender e ampliar o seu império do oriente, está plenamente provado ser idéa realisável e eficiente, ou antes, ter se já realisado em facto á medida das previsões do genial estadista, não só pela fixação intertropical da colónia e pelos seus relevantes serviços prestados á nação nos domínios da Ásia, Africa e Occania, mas ainda pelo facto histórico, consignado em páginas de oiro, do vastissimo reino gloriosamente fundado na India pelo génio luso sublimado no ánimo do grande Sivaji.

Este inclito monarca luso-indiano triunfou nas guerras sangrentas contra as duas maiores potências militares da India, a da monarquia moira de Bijapur e a de Delhi. E do mesmo modo triunfou contra o ódio implacável do castismo dos próprios indús, seus compatriotas, kshatrias, brahamanes, rajputras e de centenares de outras castas antagonicas, que o hostilisavam por todos os lados, juntando-se até servilmente sob o jugo dos moiros só pela sanha de o guerrear e abater ; ódio implacável que acompanha os indús mesmo convertidos ao grémio do cristianismo, entre os quais as costas se mordem desapiedadamente umas nas outras e, neste pendor moral, as ilustradas andam tambêm em hostilidade permanente contra a colónia lusa, tendo até promovido, ás surdinas, os 3 negros decretos de 11 de Novembro de 1871, tornados célebres pela crueldade com que a condenaram ao extermínio lento pela miséria e fome ! . . . ódio castista que se não acalma mas se ateia quanto mais se ilustram, como se observa no muito erúdito historiador, da India britanica, da *e-*

ducational service, sr. Jadunath Sarkar, que sendo êle próprio que exalta Sivaji ao apogeu das virtudes físicas, morais e intelectuais, não poude resistir ao prurido castista (8, pg. 462 e 474) de dizer, com todo o azedume, que o facto dêle, Sivaji, respeitar ou não interferir nos estabelecimentos eclesiasticos *era inteiramente devido á* ***sua casta baixa*** ! . . .

É só a obcecação do ódio castista, que o poude levar a dizer, que há ***baixeza*** na pessôa de quem o próprio escritor exalta as virtudes em tão alto grao, que diz não encontrar *nenhum outro indú de tal capacidade em modernos tempos* (4, pg. 497). E ***baixeza de casta*** de quem pelo seu sangue nobre provêm, como se viu, da mui alta e real estirpe de Devaguiri pela linha materna e, pela paterna, ainda muito mais alta, como é, a da casa real portuguesa ! . . .

Como o castismo desorienta ! . . .

Em frente, pois, de tantas hostilidades dos próprios compatriotas, por quem muito pugnara, podia bem ter dito Sivaji a *símile* do que disse o grande Albuquerque, que êle mais merecia por haver triunfado nas renhidas guerras intestinas do castismo de seus compatriotas indús, do que nas sanguinolentas batalhas feridas contra as duas maiores potências da India.

E quem sabe, se o castismo se havia assanhado tanto, teria sido por lhe haverem conhecido, ao tempo, a sua origem lusa ? ! . . .

Superior, porêm, a tais condições mesológicas, na sua marcha triunfal caminhou direito para a glória, que o imortalisa. E esta glória do inclito filho de D. Manuel de Menezes é, de um lado, para os seus irmãos indianos o alto exemplo de magnanimidade e

da independência nacional dos povos proclamada e sustentada ao valor da sua espada no vasto reino, que fundara durante a sua vida ; e, de outro lado, é, sem dúvida alguma, o precioso laurel ora revindicado pela História e entrelançado na perfumosa e imarcessível corôa do grande Albuquerque por ser ela a honra da colónia lusa, a que pertence o reconquistador do Maharasthra ; e, finalmente é um novo meteoro no ceu da Pátria dos Barões assinalados, para nos alumiar por sua vez, a senda que os mesmos Barões abriram para a dilatação da fé e conquistas e levantamento da nação á altura de uma das maiores potências morais do mundo e á da primeira que, pelo culto ao Evangelho, abolira a pena da morte entre os povos, sem distincção, de seus domínios da Europa, Asia, Africa e Oceania proclamando assim, bem alto, o preceito inviolável e salutar do ***Não matarás***.

NOTAS

1—«**Balladas of the marásthas**» by Harry Arbunoth Acworth. H. M. indian civil service... London Longman Green and co. 1894.

O nome de Gandhalis é derivado de Gondhal dança, que executam em honra de Amba-Bavani, a mesma sanguinaria Durga, patrona da celebre sociedade secreta de thugs, que lhe tem imolado milhares de victimas humanas e hoje em Bengala os seus adoradores na grande festa de Durga Punja lhe imolam ovelhas, á falta de melhor sangue, que o culto brahminico lhe devota. A moral maçonica da Inglaterra conserva o culto entre os povos do grande império sem reparar que o sentimento sanguinário é o influxo do canibalismo, que proporcionou a introducção de punhais, revolwers, e bombas mesmo na casta sacerdotal, do brahmane, coisa que em Gôa nunca aparecia nesta casta vivendo, como vivia, apenas sob a influencia ou acção da presença e contacto da civilisação catolica. Mas depois que a politica portugueza postergando esta civilisação deu entrada á da maçonaria, já aqui repercute a agitação anarquica do império visinho e em 1917 deu se em Bicholim um horrendo caso de fratricidio a revolwer na própria casta sacerdotal, com espanto e escândalo geral de todos principalmente das familias da mesma casta.

Os Gondhalis teem por peculiar funcção o serviço da deusa. Costuma ser convidado um grupo deles para a ceremónia de casamentos e da investidura da linha, *zanuem*, etc. e o grupo executa a dança ao canto religioso acompanhado da música instrumental indú tocada pelos próprios Gondhalis. O chefe do grupo entoa, a pedido, ballada heroica ou outra qualquer. Vivem de mendigar, andando de porta em porta a cantar balladas ao som de uma espécie de cravo. Como bardos indianos se prestam para fins politicos de espalhar sentimentos de independência, de reacção etc. por meio de canções da sua própria lavra ou da dos outros. E' um meio poderosissimo de propaganda entre as camadas analfabetas.

2 — **Povadas or historical balladas of 'the Marathas** (lingoa maratha) by H. A. Acworth and Shankar Tukarama Shaligram-Bombay at the Nirnaya-Sagar press 1891.

3 — **History of the marathas** by James Grant Duff Esqr.

4—**Shivaji and his times** by Jadunath Sarkar, M. A. in lian educational service 1919—M. C. Sarkar & sons—Calcutta.

5—**Estados Unidos da India** de original inglez. Traducção annotada e prefaciada por Christovam Pinto—1898.

6—**Real Asiatic Society Bombay**—Conferencia «Origem de Bombaim» por dr. Gerson da Cunha,

7—**Ajustamento e revalidação da paz e amisade** entre o Conde V. Rei, Capitão Geral da India e Sivagi Raze, de 15—12—1667 Bol. do Gov. n.º 74 de 1873.

8—**Carta do Vice Rei** Antonio de Melo e Castro em resposta a Mucha Raze Jaising, general d'El-Rei Mogor. Bol. do Gov. n.º 75 de 1873.

9—**The portuguese in India** (history of the rise and decline of their Eastern empire) by Frederick C. Danvers.

10—**O Almanak de Goa** para o anno bissesto de 1840 por Caetano João Peres Conego da Sé primacial de Oriente.

11—**Portugueses no Oriente** por Eduardo A. de Sá Nogueira P. de Balsemão.

12—**Historia Geneologica da Casa Real Portugueza** por D. Antonio Caetano de Sousa. Lisboa Ocidental. Na Officina Sylviana da Academia Rial M D D. XXX VIII.

13—**Vida de Sivaji Raja** (maratha) por Quenxon Ranji Godbãlê.

14—**The Vicissitudes of Aryan Civilization in India** by M. M Kunte, B.A, head master of the Poona High School.

15—**Historia de Portugal** por J. P. Oliveira Martins (2.ª edição emendada).

Erratas

Deve se ler :

Pg. 4, linha 10, Chegado a Tulzapur transformou em mesquita
Pg. 5, li. 14, com os seus doze mil. seus sardares, mais gente
Pg. 8, li. 7, Repuxo a exguichar sôbre anteparo de *kaskás*
Pg. 13, li. 12, e, ao chuveiro de bala e setas, fero avança!...
Pg. 14, li. 11, Aduiandàs o *avatar* do Rei canta e propala!...
Pg. 20, li. 18, praticamente em vez de *praticante*
Pg. 23, li. 31, dizia em vez de *diria*
Pg. 37, li. 28, pezada em vez de *prezada*
Pg. 54, li. 17, destruindo em vez de *destruino*
Pg. 72, li. 32, esse mesmo Conde em vez de *como as daquele Conde*
Pg. 73, li. 6, nos melhores principios em vez de *nos mesmos principios*
Pg. 79, li. 24, as castas em vez de *as costas*

00031352

Digitized with financial assistance from
Rotary Club
on 06 November, 2019